

universidade

pública

Ano VI - Nº 34 - novembro/dezembro - 2006

I M P R E S S O

IMPRESSO

NA BERLINDA

Política do Governo Lula para o ensino superior é avaliada por quem faz o dia-a-dia da universidade. Conheça as expectativas para o segundo mandato



A close-up photograph of two circular speakers mounted on a dark, vertically-grained wood-textured cabinet. The top speaker is a larger, black driver with a silver-colored metal ring and six screws. The bottom speaker is a smaller, silver-colored driver with a black center and also features a silver ring and six screws. A white horizontal bar with black text is superimposed over the top speaker.

25 anos fazendo comunicação de qualidade.

**Rádio Universitária FM, 107,9 MHz, proporcionando
a Fortaleza acesso a mais educação e cultura.**

Toda comunicação deve ser uma via de mão dupla. Esta é a forma de trabalhar da Rádio Universitária, que durante os últimos 25 anos tem aberto um diálogo com Fortaleza, levando cultura, informando e debatendo os problemas da cidade. Agora Fortaleza está dando um retorno para a Rádio, através do apoio da Prefeitura para que a Universitária possa conversar ainda melhor com a cidade. O Projeto, que envolve também o Departamento de Comunicação Social da UFC, a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura e a Coordenadoria de Marketing Institucional, permitiu que fossem adquiridos computadores para a informatização dos estúdios, para as redações e para a produção, além de instalar uma nova antena e tubulação para a expansão da torre de transmissão, trazendo ainda mais qualidade para o sinal da emissora. Em breve, esse sinal chegará a 2/3 da população do Ceará. Essa é uma forma de Fortaleza dizer obrigado para a FM Universitária, agradecer a quem, durante tanto tempo, só nos faz ouvir coisas boas.

Estava na hora de Fortaleza dar um retorno.



Prefeitura de
Fortaleza



Desenvolvendo pesquisa de ponta no apoio às ações da UFC.

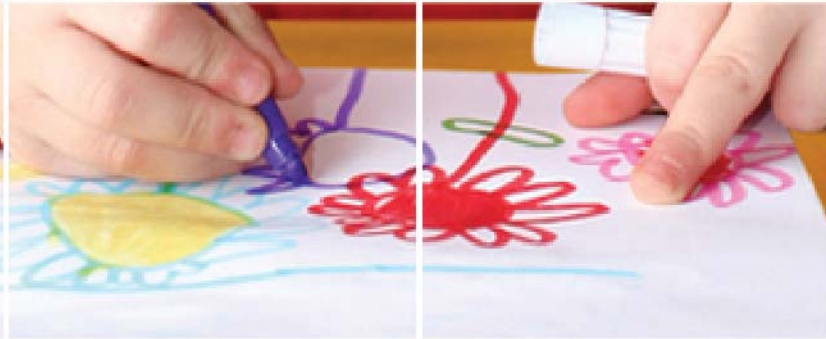
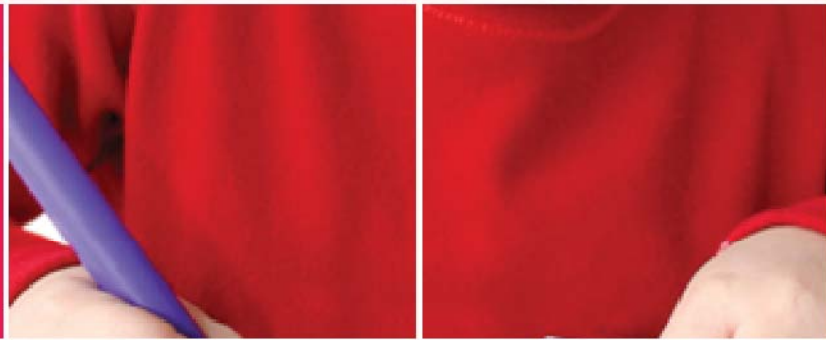


Cooperação internacional nas áreas de Tecnologias da Informação, Saúde e Novos Medicamentos.



Parceria com governos Federal, Estadual e Municipais, nas áreas de educação e saúde.

Novos convênios nas áreas de petróleo e gás.



Incentivos às ações de interiorização do CEFET-CE e UFC.

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br



Reitor

Prof. René Teixeira Barreira

Vice-Reitor

Prof. Ícaro Moreira

Para falar com a UFC

Reitoria

Av. da Universidade, 2853

60020-181 - Fortaleza - CE

Fone: (85) 3366.3011 - Fax: (85) 3366.7313

Internet: www.ufc.br

E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social

Fone/Fax: (85) 3366.7330

E-mail: ufcinforma@yahoo.com.br

Coord. de Marketing Institucional

Fone: (85) 3366.7319

Revista Universidade Pública

Av. da Universidade, 2910

Benfica - Fortaleza - Ceará

CEP: 60020-181

Fone/Fax: (85) 3366.7319

universidadepublica@uol.com.br

Editora

Ana Rita Fonteles

CE01169JP

Reportagens

Ana Rita Fonteles

CE01169JP

Clarissa Tavares

CE01580JP

Raimundo Madeira

CE01221JP

Estagiários de Comunicação Social da UP

Marco Antonio de Alencar

Fotos

Júnioranela

CE00100RF

Estagiário de Fotografia da UP

Davi Pinheiro

Projeto Gráfico

Alfredo Júnior

junioralfredo@gmail.com

Tiragem

5.000 exemplares

Periodicidade

Bimestral

CTP e impressão

Expressão Gráfica



Nossa Capa

Arte de Alfredo Júnior sobre foto de Júnioranela.

Hora de avaliar

Universidade Pública abre suas páginas para balanço. Com o Governo Lula reelito é hora de perguntar a especialistas e pessoas que vivem o cotidiano das salas de aula, bibliotecas, laboratórios, projetos de extensão e pesquisa: afinal, como se saiu a administração do ex-operário no campo do ensino superior? A pergunta não é nada fora de hora. Quem viu, minimamente, a campanha eleitoral ou se arriscou a dar uma espiada no projeto de governo, para o segundo mandato, constatou que o ensino superior é um dos principais objetos do discurso governista. Nossa matéria especial trata justamente dessa questão e, entre avanços e recuos da gestão, você fica sabendo um pouco mais sobre as expectativas para os próximos quatro anos.

Tempo de balanço também para nós, que vivemos o cotidiano da UFC. Em março, serão realizadas as próximas eleições para a Reitoria da Instituição. Em 30 de junho, um novo gestor assume o cargo. Na entrevista principal, o reitor René Barreira, que não é candidato, fala sobre os últimos quatro anos em que esteve à frente da Universidade. Expansão, orçamento, reforma universitária, realizações e dificuldades compuseram a nossa pauta de conversa.

Tempo também de comemorar. A Rádio Universitária FM, o principal veículo de comunicação da UFC, está de cara nova. Trabalho sério, feito em parceria, permitiu a aquisição de nova antena e equipamentos para a digitalização da pro-

dução que deverá chegar mais nítida ao rádio dos cearenses. A meta, no entanto, é levar a “sintonia da terra” para o interior do Estado. Uma matéria de Clarissa Tavares conta essa história.

Você vai conhecer um projeto de extensão que une energia solar ao cultivo de plantas medicinais. O resultado dessa mistura tão natural é a possibilidade de cidadania e inclusão social para dezenas de

famílias do bairro Itioca, em Fortaleza.

Dois matérias diferentes trazem dois personagens unidos por um mesmo traço: a dedicação. Nirez, pesquisador e radialista, dono da maior coleção privada de MPB em discos de cera, concluiu a digitalização de seu acervo e, em breve, vai disponibilizar suas preciosidades na internet. Já o jornalista e professor, Ronaldo Salgado

lançou o livro de sua vida inteira, uma mistura de pesquisa e carta náutica para atuais e futuros reporteiros.

E na terra de Bode Ioiô, a ciência dá passos largos. Nesta edição, saímos da UFC e fomos encontrar, na UECE, a história de um pioneiro: Carlos, o primeiro cabrito transgênico da América Latina. Ele é o principal personagem de uma pesquisa que pode ajudar pessoas doentes com câncer e aids a ter uma vida melhor.

Desejamos que a leitura seja agradável e esperamos opiniões e sugestões, por e-mail. Um abraço e até o próximo número.

Ana Rita Fonteles (Editora UP)

SUMÁRIO

07 Fim de mandato

Reitor da UFC, René Barreira, prepara-se para os últimos seis meses de gestão e avalia sua administração à frente da maior universidade cearense



15

Uma vitória chamada Carlos
UECE obtém sucesso na pesquisa com a criação do primeiro cabrito transgênico da América Latina



20 Dinheiro para pesquisa

Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (Funcap) vai destinar R\$ 7 milhões para reestruturação de 150 laboratórios de pesquisa cearenses.

29 Sinal forte

Rádio Universitária FM é reestruturada, com renovação de seus equipamentos e instalação de uma nova antena



31 Tesouro digitalizado


O maior acervo privado de MPB, em discos de cera do Brasil, é integralmente digitalizado.

22 Período de balanço

Especialistas e pessoas que vivem o cotidiano da universidade avaliam política do governo Lula para o ensino superior

A etapa final

Por Ana Rita Fonteles

A close-up portrait of René Barreira, a man with grey hair, a goatee, and glasses, wearing a blue and white striped shirt. He is resting his chin on his hand, looking thoughtfully towards the camera.

Hora de arremates, balanço. O reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC), René Barreira, prepara-se para os últimos seis meses de sua gestão. A relativa tranquilidade para a inauguração de obras, aquisição de novos equipamentos, planejamento de ações, em nada lembra o angustiante início de reitorado quando ele declarou à imprensa que a UFC enfrentava a pior crise financeira de sua história. Falamos de meados de 2003, quando a administração fazia malabarismo para pagar as contas, negociando para evitar cortes de luz, água e telefone.

“Quando nós entregarmos o cargo, no dia 30 de junho de 2007, a UFC não terá mais nenhuma dívida”, garante. O desafogo foi possível, principalmente, graças ao incremento no orçamento para custeio realizado pelo Governo Federal. Na UFC esse aumento chegou a 180%, entre 2003 e 2007. Medidas de economia também tiveram de ser aplicadas para baixar contas estratosféricas.

Mas não é como o homem que apertou o cinto que o reitor René Barreira quer ser lembrado. Se fosse escolher uma marca para a sua gestão, preferiria a da expansão. Foi durante sua gestão que a UFC chegou efetivamente ao interior do Estado, estabelecendo campus no Cariri, Sobral e, em breve, em Quixadá. “A Universidade ficou, durante muito tempo, desenvolvendo as suas atividades somente aqui, em Fortaleza”, justifica.

Barreira preferiu não disputar a reeleição ao cargo de reitor. A decisão ocorre justamente quando ele completa 30 anos de UFC, dedicados, em grande parte, a cargos de administração na Universidade. Ele reconhece que os desafios e dificuldades ainda são grandes, mas parece satisfeito por ter podido contribuir com a consolidação de sua segunda casa.



Universidade Pública - O senhor está iniciando a fase final de seu reitorado. Antes disso, ocupou uma série de cargos na administração da Universidade Federal do Ceará (UFC) e também no movimento docente. O que essa experiência, como reitor, trouxe para sua visão sobre a universidade brasileira?

René Barreira – Posso dizer que consolidou a minha visão de universidade. Sempre entendi a universidade como instituição transformadora da sociedade, como instituição estratégica para o desenvolvimento econômico, social, sustentável e incluyente do nosso Estado, do Nordeste e do País. A universidade é o espaço privilegiado do debate, da crítica, do pluralismo das idéias e da convivência democrática. É uma instituição que deve se voltar para o humanismo e para uma cultura de paz. A universidade não deve se preocupar apenas com o ensino superior, com pesquisa e extensão, mas também com os outros níveis de ensino. Não têm nenhum sentido os falsos dilemas, se devemos investir mais na educação fundamental, na educação básica ou superior. Todos os níveis da educação, todas as suas etapas, têm a mesma importância. Não podemos pensar numa boa educação superior, se não tivermos também uma boa educação infantil, fundamental e básica.

UP – O senhor iniciou o seu reitorado afirmando que a UFC enfrentava a pior crise financeira da sua história. Os dados atuais da Pró-Reitoria de Planejamento mostram que, em quatro anos, houve um incremento do orçamento em 180%. O orçamento saiu de R\$ 15 milhões, em 2003, para R\$ 42 milhões, em 2007. O que esse crescimento propiciou à sua gestão?

RB – Primeiro, é bom lembrar que, durante os oito anos do Governo FHC, as universidades federais do País foram praticamente abandonadas. Quando assumimos, em junho de 2003, o nosso orçamento era de R\$ 14,1 milhões, sendo R\$ 900 mil para investimentos. No ano seguinte, 2004, passou para R\$ 18 milhões. Em 2005, para R\$ 25 milhões e,

em 2006, para R\$ 33 milhões. Recebemos a Universidade com uma dívida de R\$ 9,7 milhões. Negociamos essa dívida. Hoje, a Universidade paga todas as suas contas em dia. Paga também a rolagem dessa dívida e, quando nós entregarmos o cargo, no dia 30 de junho de 2007, a UFC não terá mais nenhuma dívida. Esse equilíbrio financeiro não se deu apenas porque o nosso orçamento de custeio melhorou significativamente, mas também porque houve redução dos custos de manutenção. O exemplo significativo disso é que a Universidade chegou a ter um custo de telefonia anual de R\$ 1,8 milhão e atualmente é de apenas R\$ 400 mil. Houve redução também dos custos de energia, de água e de outros. O aumento do orçamento possibilitou investimentos na infra-estrutura física e de equipamentos. Bom lembrar que, só este ano, a Universidade teve, do CT Infra (Fundo de Infra-Estrutura), R\$ 3,5 milhões. Agora se, do ponto de vista de custeio, o que a Universidade tem no orçamento tem sido suficiente para se manter, quando se analisa o orçamento para investimentos, um dos desafios do segundo governo Lula é a recuperação e expansão da infra-estrutura física e de equipamentos das instituições federais de ensino superior. A infra-estrutura dessas instituições é precária e não vem acompanhando a expansão que tem se dado no sistema.

UP – Que outras dificuldades persistem?

RB – Citaria o problema de recursos humanos, docentes e técnico-administrativos. As vagas de concursos que as universidades têm recebido não têm sido suficientes sequer para a reposição da força de trabalho docente e técnico-administrativa. Sobretudo, se levarmos em conta que as instituições vêm se expandindo nesses últimos anos. Diria que este é um outro desafio que se coloca para o segundo governo do presidente Lula: não apenas repor a força de trabalho das instituições federais de ensino superior, mas também expandi-la. Uma outra dificuldade tem sido a falta de autonomia e de gestão administrativa e

financeira das nossas universidades. Se, de um lado, temos certa autonomia, digamos acadêmica, não temos a mesma autonomia quando se trata da gestão. Essas têm sido as nossas maiores dificuldades.

UP – Existe uma crítica, e o senhor deve tê-la ouvido bastante, de que a UFC teria de primeiro resolver seus problemas em Fortaleza para depois pensar em expandir-se para o interior do Estado. O que o senhor pensa desse argumento? A expansão foi feita na hora certa? Ela está garantida?

RB – Sempre defendemos a expansão com sustentabilidade, com responsabilidade. A expansão tem se dado com muita responsabilidade, sustentabilidade, com inclusão social e através da interiorização. Mas, antes da implantação desses dois campi, a Universidade já vinha se expandindo aqui, na sede, através da criação de novos cursos de graduação, mestrado e doutorado e de uma expansão também da extensão universitária, tanto aqui, como em dezenas de municípios do interior. Aceitamos implantar os dois campi, no Cariri, e na Região Norte, em Sobral. Estamos nos preparando para a implantação de um outro campus no Sertão Central, em Quixadá. Negociamos com o Ministério da Educação (MEC) todas as condições necessárias. Para cada um dos três campi, a Universidade tem R\$ 8 milhões para infra-estrutura física e equipamentos. O MEC liberou 40 vagas para cada um desses dois primeiros campi. Já vamos ter mais vagas para concursos de docentes no outro ano. Vamos chegar a cem vagas. É bom dizer que nenhum servidor, docente ou técnico-administrativo, que nenhum recurso financeiro da Universidade, da sede, será utilizado nessa expansão. A expansão não deverá causar nenhum prejuízo às atividades administrativas e acadêmicas que a Universidade já vem realizando. A Universidade ficou, durante muito tempo, desenvolvendo as suas atividades somente aqui, em Fortaleza - embora, há seis anos, já tenha iniciado os dois cursos de Medicina, em Sobral e Barbalha. Estamos interiorizando a Instituição e democratizando

o acesso à Universidade, na medida em que propiciamos aos jovens dessas regiões, a oportunidade de ingressarem no ensino superior público, federal, sem precisarem se deslocar para Fortaleza, como aconteceu por muitas gerações. Não posso deixar também de denunciar o fato de que um dos menores investimentos do Governo Federal, no ensino superior no País, se dá no Ceará. Há estados que têm doze, dez, seis, quatro, duas universidades. O Ceará só tem uma universidade federal. Mas esses três novos campi já representam o início de um processo de reversão dessa situação. Nossa expectativa é que, cada um, venha a se tornar universidade federal. Não estamos indo para o Interior competir com as outras universidades estaduais (UECE, UVA, URCA). Muito pelo contrário. Estamos numa expectativa de trabalharmos juntos, em parceria. A expansão não deverá se esgotar no ensino de graduação. A Universidade pretende também fomentar a pós-graduação. É elevado o número de mestres e doutores que estão ingressando na Universidade nesses campi.

UP – O senhor diria que a expansão será a marca da sua gestão?

RB – Creio que sim. A expansão não apenas desses três campi, mas também a que vem se dando na sede. Foram criados dez novos cursos de graduação aqui, em Fortaleza, independentemente dos cursos que estão sendo ofertados, através da expansão no interior. Foram ainda criados dez novos mestrados, bem como oito novos doutorados. Sem falar na expansão da extensão universitária, assim como na implantação de novas estruturas na Universidade: o Instituto de Cultura e Arte (ICA), a Ouvidoria da UFC; a auditoria interna, bem como o Bureau de Projetos. Lembra-ria também a convivência, extremamente democrática, com os três segmentos da Universidade: professores, servidores e estudantes, através de interlocução permanente com a Adufc (Associação dos Docentes da UFC), Sintufce (Sindicato dos Trabalhadores da UFC), DCE (Diretório Central dos Estudantes), que são legítimas representantes dos três segmen-



tos. Desenvolvemos também uma política de valorização dos servidores técnico-administrativos, através da criação de curso de Tecnólogo Superior, das 100 vagas para curso de Gestão da Educação Superior e outras 100 vagas para curso de Gestão de Hospitais Universitários. Dentro dessa mesma linha de valorização e capacitação, criamos curso de especialização em Gestão da Educação Superior que está em sua segunda turma. E vamos iniciar, em março, mestrado em Gestão da Educação Superior. Isso representa grande esforço

UP – Que balanço o senhor faria da atuação do Governo Lula no ensino superior?

RB – É um balanço extremamente positivo, quando se compara, sobretudo com os oito anos do Governo de FHC. Por vários motivos. Primeiro, pela recuperação da capacidade de investir das universidades brasileiras. A reposição, embora ainda não plenamente satisfatória, da nossa força de trabalho docente. Destacaria a própria expansão do sistema das IFES, porque, é sempre bom lembrar,

fundamental que, no segundo Governo, haja empenho, espécie de programa de recuperação e expansão da infra-estrutura física e de equipamentos das universidades e, mais que a reposição, a expansão da força de trabalho e a retomada da reforma universitária, cujo projeto já se encontra no Congresso. Que a reforma assegure às nossas universidades efetiva autonomia, não apenas da gestão acadêmica, mas da gestão administrativa e financeira. Precisamos de financiamento adequado para a expansão com sustentabilidade do nosso



“A universidade é o espaço privilegiado do debate, da crítica, do pluralismo das idéias e da convivência democrática. É uma instituição que deve se voltar para o humanismo e para uma cultura de paz”

da nossa gestão, na perspectiva de valorização dos servidores e de sua capacitação. Ainda, como marca da nossa gestão, está o fortalecimento da interlocução da Universidade com a sociedade, através dos mais diversos segmentos: FIEC, CUT, CDL, Sebrae. Também com instituições como o Banco do Nordeste e parcerias que a Universidade vem consolidando, cada vez mais, com o Governo do Estado, Prefeitura de Fortaleza e vários municípios do interior. Ressalto a interlocução que sempre tivemos com a nossa representação em Brasília, no Congresso Nacional, tanto no Senado como na Câmara dos Deputados.

apenas 30% dos estudantes universitários do País frequentam universidades públicas e, desses 30%, o sistema das IFES representa apenas 15%. Era inadiável uma expansão. Destaco também a interlocução com o Governo. Tivemos (a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – Andifes) quatro audiências com o presidente. Interlocução muito boa também tem se dado com o MEC. Lembraria ainda a política de educação a distância do MEC, com a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Não quer dizer que não tenhamos ainda novos desafios como eu já citei. É

sistema. É importante que a reforma universitária assegure um processo da democratização, na escolha de dirigentes das IFES e na gestão democrática. Também na área da educação a distância é importante que haja continuidade.

UP – Algumas entidades, como a Andes, estão defendendo a retirada do projeto da reforma universitária para uma maior discussão. Como a Andifes está se mobilizando para interferir nesse processo?

RB – O presidente Lula, no último encontro que teve conosco, disse que agora o fórum de discussão passa a ser o Congres-

so. Na Andifes, o nosso sentimento é de que não se deva retirar, mas procurar melhorar esse projeto no Congresso. Inclusive, inicia-se em fevereiro nova legislatura. Cabe às nossas entidades nacionais, Andifes, Fasubra, Andes, UNE, tentar melhorar o projeto no Congresso. Já se foram bem dois, três anos de discussão. Acredito que o projeto possa ser significativamente melhorado dentro do Congresso.

UP – Gostaria de saber sua opinião sobre a aprovação de medidas polêmicas, antes da reforma, como o decreto das fundações e a Lei de Inovação Tecnológica, que vão no sentido de maior aproximação entre a universidade e o mercado?

RB – Posso me ater ao decreto que regulamentou as fundações de apoio. Esse decreto tornou as fundações extremamente transparentes. Aquela crítica de que elas não eram transparentes, de que eram estruturas paralelas, desaparece a partir do decreto. Para se ter uma idéia, as contas das fundações de apoio são agora aprovadas no conselho universitário de cada instituição federal de ensino superior. As fundações de apoio são importantes nas nossas instituições. Agora, há um controle da universidade.

UP – O senhor é apontado como o maior incentivador da constituição do Grupo de Trabalho em Ações Afirmativas, que atuou durante todo o ano passado, na discussão e elaboração de uma política de cotas para a UFC. O documento final não foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) que preferiu esperar a aprovação da Lei de Cotas no Congresso. O CEPE foi conservador? A Universidade não está preparada para lidar com essa questão?

RB – A Universidade tem as suas instâncias de deliberação. Realmente estimei muito esse grupo, acho muito importante. Na verdade, existe, tramitando, um projeto de lei que propõe 50% de cotas, inclusive progressivamente. Não senti maior abertura no momento para isso. Ninguém teria, assim, condições de já aprovar. É uma mudança de cultura

institucional. Mas quero lembrar que, apesar de ainda não se ter aprovado cotas, existem várias ações afirmativas que a Universidade, há muito tempo, vem desenvolvendo. Citaria os cursos pré-vestibulares, a isenção de candidatos carentes na taxa do vestibular. No atual vestibular foram isentos 14 mil de um total de 37 mil inscritos. Há o programa de bolsas, não apenas de natureza acadêmica, mas a bolsa dos estudantes carentes, houve expansão do número de refeições no Restaurante Universitário - com aumento significativo nos últimos anos. A Universidade não pode ser responsabilizada pela exclusão social, embora entenda que ela tenha um papel importante na inclusão. Temos dito, no MEC, que não é suficiente democratizar o acesso no ensino superior, através de cotas, se não houver uma política de bolsa de manutenção desses estudantes. Como é que um estudante, extremamente carente, que ingressou na universidade através de cotas, vai poder frequentar um curso que exige dele oito, dez horas por dia? Tenho forte expectativa de que esse projeto de lei, que se encontra no Congresso, deverá realmente ser aprovado, mas, enquanto isso, outras universidades já se anteciparam e já estão implantando cotas.

UP – Algumas pessoas defendem autonomia para que as universidades definam a sua própria forma de cotas. Que princípio o senhor acha que deve nortear a implantação na UFC, por exemplo?

RB – Acho que a questão fundamental é mesmo social. Sou mais simpático à idéia de cotas sociais. Há certo viés quando se fala em cotas para egressos da escola pública. Isso não esgota a questão de exclusão social, porque na escola pública você tem um segmento de elite. Eu citaria, por exemplo, o Colégio Militar. É escola pública, mas os seus estudantes não têm o mesmo perfil de quem estuda em colégios públicos. Outra coisa: há jovens extremamente pobres que, com muito sacrifício de suas famílias, estudam em colégios particulares da periferia da nos-

sa cidade ou na Região Metropolitana. Simplesmente se conceder uma cota para egressos da escola pública não resolveria essa questão. Inclusive antes, aqui, se isentavam da taxa do vestibular os egressos da escola pública. A gente mudou o critério. Passou a ser um critério sócio-econômico. O estudante que não pode pagar a taxa de inscrição do vestibular, não paga, quer seja egresso da escola pública ou não. Ficou mais justo.

UP – O senhor anunciou publicamente que não é candidato à reeleição. O que motivou essa decisão?

RB – Tive na Universidade toda essa trajetória, por ter sido diretor do Centro de Humanidades, por dois mandatos, pró-reitor de Extensão, vice-reitor e reitor, tendo sido ainda presidente da Adufc. Já agora, em janeiro, completo 30 anos de Universidade, como docente - sem contar meu tempo de estudante e os quatro anos que eu não pude ingressar, porque fui impedido pelo regime autoritário daquela época. Já dei a minha contribuição na área da gestão universitária. Acho que melhor que reeleição seria um mandato maior de cinco a seis anos. Inclusive, na Andifes, propusemos um mandato de seis anos na reforma universitária, mas o MEC achou melhor propor cinco anos. Prefiro não me candidatar à reeleição e talvez pensar em planos e projetos novos.

UP - Quais as outras urgências que o próximo reitor deverá ter na pauta do dia?

RB – Saio na expectativa de que o próximo reitorado se empenhe na consolidação desses novos projetos e ações que foram implantados durante a nossa gestão. Citaria a consolidação dos novos cursos de graduação, mestrado e doutorado, e a expansão da Universidade, através desses três campi. Porque são políticas profundamente institucionais e não de uma gestão. Até porque, para nós, a educação deve ser considerada uma política de Estado e não apenas de um governo. ☺

A energia solar move o sistema de irrigação para o cultivo de plantas medicinais no Centro de Referência em Agricultura Urbana Sustentável, no bairro de Itaoca, em Fortaleza



Sol, saúde e cidadania

Parceria da UFC com a Prefeitura de Fortaleza e Instituto Joazeiro capacita comunidades no cultivo de plantas medicinais, utilizando energia solar. O sol também ilumina outras ações no bairro do Itaoca, em Fortaleza

Desde cedo aprendemos que o Sol tem importância vital para o crescimento das plantas, que produzem o próprio alimento através da fotossíntese. Para sobreviver, elas precisam da luz do Sol, além do solo e da água. Um projeto desenvolvido no bairro Itaoca, em Fortaleza, tem oferecido outros aprendizados a um grupo de moradores do local – a energia solar pode cumprir mais uma importante função, substituindo a energia hidroelétrica para o bombeamento de água usada na irrigação das plantas. E o melhor: a tecnologia é usada em plantas cujo consumo promove saúde e o processamento se reverte em renda.

O uso da energia solar no sistema de bombeamento de água para irrigação de ervas medicinais é parte do projeto Cen-

tro de Referência em Agricultura Urbana Sustentável. A iniciativa envolve uma parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Prefeitura de Fortaleza e o Instituto Joazeiro de Desenvolvimento Sustentável, organização que atua na área de aproveitamento de fontes renováveis de energia e de recursos hídricos, desenvolvimento sustentável e preservação ambiental.

O projeto capacitou 30 mulheres e dois homens, durante seis meses de 2006, em técnicas de agricultura e preparo de medicamentos caseiros a partir das plantas cultivadas. A experiência já está dando retornos para as pessoas diretamente envolvidas e para a comunidade. Os produtos obtidos a partir do manejo das ervas podem servir para consumo próprio ou

dos moradores que procuram o posto de saúde ou as feirinhas do bairro.

O sabonete líquido ou em pedra, resultado do processamento do alecrim, pode ser vendido, constituindo-se uma fonte de renda, a exemplo da comercialização das próprias mudas de plantas. O remédio caseiro derivado das plantas, como o popular lambedor, pode ficar na casa de quem faz o preparo, mas também é disponibilizado gratuitamente para a população mais carente.

Os participantes foram selecionados com a ajuda da própria comunidade. “Procuramos o conselho de mulheres do bairro e pedimos que fossem indicadas mulheres carentes e com baixo nível de escolaridade, mas que tivessem interesse

em participar”, explica Magilce Diniz, coordenadora do projeto e presidente do Instituto Joazeiro.

“Eu moro há 26 anos na comunidade e nunca tive uma oportunidade assim. É importante para as donas de casa”, avalia uma delas, Maria de Lourdes dos Santos, 54. Oportunidades individuais e coletivas. “O meu esposo e eu estamos desempregados. O que sustenta a casa é o que se produz com as ervas medicinais”, reconhece Regina Lúcia Rodrigues, 47.

“O que mais gostei foi porque aprendi, recebi um certificado e posso repassar para outras pessoas”, pontua Ana Maria de Freitas, 46. Além da renda, do conhecimento e da cooperação, o trabalho faz bem para as emoções. “É uma terapia”, resume Maria Cláudia Nunes, 31.

Talvez por tantas possibilidades, a novidade motivou não só as mulheres, que formam o público-alvo do projeto. Dois homens fizeram questão de ficar e continuaram. Um deles, o aposentado José Saraiva Damasceno, tem 74 anos e uma identificação peculiar

com as plantas. “É um divertimento para mim. Eu me dou com o perfume delas”. E “para não ficar em casa, impressionado”, sem ter o que fazer, ele se dedica a passar o dia cuidando das ervas.

A maior parte das atividades da primeira etapa do projeto – a capacitação – se desenvolveu no próprio bairro, com a utilização do espaço do Centro Integrado de Educação e Saúde (Cies) Professor Valdevino de Carvalho, onde foi implantada a horta que passou a ser usada para o cultivo e colheita das plantas – o que antes era entulho e matagal foi recuperado e adaptado para os trabalhos. Mas as aulas teóricas e práticas ganharam também outros lugares, como áreas cedidas pelo Centro de Ciências Agrárias, que apóia a iniciativa e forneceu a infra-estrutura para os trabalhos em campo.

A utilização de energia solar no Centro de Referência em Agricultura Urbana Sustentável está cadastrada como projeto de extensão da UFC. O sistema fotovoltaico permite o bombeamento da água que é usa-

da na irrigação da horta. Nas palavras leigas do aposentado José Saraiva Damasceno, participante do projeto, “o motor trabalha por hora, quando o Sol esquenta”.

O bombeamento da água baseado na energia solar é viável por se tratar de uma fonte não poluente, sustentável e disponível o ano inteiro. E o processo de irrigação das plantas cultivadas encontra condições adequadas na localidade porque a água do lençol freático é de fácil acesso.

O grupo que recebeu a capacitação foi acompanhado por estudantes ou profissionais de Engenharia Elétrica, mas também de Agronomia, Economia Doméstica e Farmácia. O preparo de medicamentos à base de plantas, por exemplo, teve acompanhamento de um agrônomo e de uma farmacêutica. O envolvimento de outros profissionais se deve ao fato de que a capacitação não se limitou ao manejo de plantas medicinais, envolveu também orientações sobre manipulação, preparação e cocção de alimentos.

Além do repasse de conhecimentos, o trabalho teve ainda a preocupação de



Trinta mulheres e dois homens foram capacitados em técnicas agrícolas, para o cultivo de plantas medicinais, e na elaboração de medicamentos

formação política e de cidadania dos participantes, oferecendo a eles noções de empreendedorismo e cooperativismo e estratégias de disseminação para a comunidade dos conhecimentos adquiridos. Agora, os moradores estão em processo de organização para criar mecanismos de fortalecimento da iniciativa.

Pela concepção do Projeto, depois da capacitação, a própria comunidade passa a fazer a gestão da experiência, garantindo que ela tenha sustentabilidade. A previsão para 2007 é que as pessoas capacitadas este ano repassem para outras 90 que moram no bairro os conhecimentos adquiridos sobre técnicas de agricultura. A expectativa da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, órgão da Prefeitura que financia o projeto, é que a experiência se expanda para outras áreas da cidade.

O Centro de Referência em Agricultura Urbana Sustentável pretende se firmar como modelo para todo o País nessa área. “Ele aponta perspectivas de qualidade de vida para os setores desfavorecidos da comunidade-alvo nas questões relacionadas à saúde, capacitação profissional e geração de renda”, explica Paulo Carvalho, professor do Departamento de Engenharia Elétrica da UFC e fundador do Instituto Joazeiro.

A força que vem do Sol

A água que chega à cozinha recebe uma forcinha do Sol. É isso mesmo. A energia solar também bombeia a água que abastece a cozinha, inaugurada este mês, no Parque Universitário, uma comunidade pobre da periferia de Fortaleza. A instalação da cozinha faz parte de um projeto maior – o Centro de Referência em Agricultura Urbana para a Redução da Desnutrição Infantil.

O projeto atende cerca de 1.500 crianças em duas escolas, 150 em duas creches e 35 famílias, oferecendo a elas uma complementação alimentar que vem das plantas e hortaliças produzidas em hortas irrigadas também à base de energia solar.

Assim como no bairro Itaoça, o projeto aproveitou o espaço da própria comunidade. A área do Parque Universitário,

Produtos como lambedores e sabonetes, feitos a partir das plantas, podem ser consumidos por quem os faz ou disponibilizados nos postos de saúde e feirinhas do bairro



permanente alagada ou contaminada por dejetos, foi aterrada e recuperada. Mas para alcançar essas conquistas, antes houve um processo que começou em 2004 com a capacitação de oito meses, para 30 moradores, em agricultura urbana, preparo e cocção de alimento.

Os participantes, também predominantemente mulheres, aprenderam a plantar e a consumir os alimentos evitando o desperdício. Depois do curso, passaram a atuar como agentes multiplicadores, repassando os conhecimentos adquiridos para pessoas da própria comunidade e de comunidades vizinhas. Essa fase envolveu a instalação de pequenas hortas nos quintais, escolas, creches, entre outros locais.

O trabalho até aí despertou outras necessidades. Uma delas era sensibilizar e capacitar as mães como principais agentes no combate à desnutrição dos filhos. O que foi feito. Elas receberam orientações sobre hábitos de higiene e preparo e cocção de alimentos de baixo custo, mas com alto valor nutritivo.

Daí surgiu a idéia de instalar a cozinha, que agora vai estar a pleno vapor. “Ela vai servir como um centro de educação para mães no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis”, define Magilce Diniz, presidente do Instituto Joazeiro, também responsável pela execução do projeto.

O Centro de Referência em Agricultura Urbana para a Redução da Desnutrição Infantil tem apoios financeiros da Pepsico

Brasil e da Prefeitura de Fortaleza e conta com a parceria da Pastoral da Criança e da Associação Beneficente dos Moradores do Bairro Parque Universitário, a assessoria do Centro de Ciências Agrárias e o acompanhamento de estudantes de Economia Doméstica da UFC. ☐

DA PLANTA

O que os moradores do bairro Itaoça estão produzindo a partir do processamento de ervas medicinais cultivadas à base de energia solar:

Pó e planta desidratada

para chá: hortelã, maracujá, mentrasto, erva cidreira;

Sabonete líquido: alecrim;

Tintura: alecrim-pimenta e malva-santa;

Xarope: chambá, guaco e malvariço.



Os caprinos são utilizados em pesquisas, na Uece, sobre fertilização in vitro, transferências de embriões, inseminação artificial e, agora, transgenia



Carlos, o pioneiro

Pesquisadores da Uece desenvolvem cabrito modificado geneticamente para produzir proteína humana de uso terapêutico

Por Clarissa Tavares

De símbolo da irreverência cearense a insígnia da ciência. Os caprinos, que antes mesmo da época do lendário Bode Ioiô sempre tiveram destaque na cultura do Ceará, têm agora papel importante também em pesquisas científicas realizadas no Estado. Pois é, um cabrito cearense é o primeiro animal transgênico da América Latina.

A experiência foi desenvolvida pelo Laboratório de Fisiologia e Controle da Reprodução da Universidade Estadual do Ceará (Uece), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e contou com o apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia que investiu recursos na ordem de R\$ 1 milhão para a realização da pesquisa.

“Transgênico é o organismo que possui o gene de uma outra espécie, no caso do nosso experimento gene humano”, explica o professor do curso de Veterinária da Uece e coordenador da pesquisa, Vicente José de Figueiredo Freitas. Em julho deste ano, nasceu, de parto prematuro, o cabrito modificado “Carlos”. De quatorze embriões gestados em dez cabras receptoras, Carlos foi o único a nascer com o gene alterado. A confirmação se deu por meio de um teste de DNA, aos sete dias de nascido.

A experiência consistiu em injetar, em laboratório, a proteína humana G-CSF (fator estimulador de colônias de granulócitos) – responsável pela produção de células

de defesa do organismo - em embriões caprinos. “A maior possibilidade é de que, mesmo com o gene injetado, o animal não nasça transgênico. A proporção é, em média, de um transgênico a cada 100 nascimentos”, esclarece o professor. Carlos deu sorte e levou o Ceará a ser reconhecido nacional e internacionalmente por produzir o primeiro animal transgênico da América Latina. “O feito demonstra que podemos realizar pesquisa de elevada qualidade, utilizando tecnologia de ponta e formando recursos humanos para suprir a carência de pesquisadores no Estado”, ressalta Freitas.

A exemplo de outros centros internacionais, os pesquisadores brasileiros utili-

zam a técnica de microinjeção (injeção celular com auxílio de microscópio) de uma construção de DNA no embrião caprino. No caso da experiência da Uece, as cabras foram estimuladas a uma superprodução de óvulos e fecundadas por reprodutores da mesma raça. Após a fecundação, as cabras tiveram os embriões colhidos e neles foi microinjetado o gene humano G-CSF, proteína escolhida em função da importância para uso em medicina humana.

O professor explica que a relevância da experiência consiste em utilizar os caprinos como uma farmácia viva. Segundo ele, o animal modificado possuidor do gene G-CSF será capaz de produzir leite rico nesta proteína. O leite poderá ser beneficiado na fabricação de medicamentos para casos de imunodeficiências e quimioterapias, eficientes no tratamento de doenças como a aids e o câncer.

Conforme Freitas, a proporção de três miligramas de proteína por quilo de leite - produzida por uma cabra - é considerada alta. A produção poderá ajudar na fabricação de medicamentos por indústrias nacionais e a conseqüente redução do custo, já que hoje as drogas utilizadas contra a aids e o câncer são importadas. Outra vantagem é que a produção do medicamento, através do leite com gene humano, diminui consideravelmente o risco de rejeição pelos pacientes. “Atual-

mente, esse remédio é produzido através de bactérias que contêm a proteína. É um processo lento e que necessita de uma grande multiplicação dessas bactérias. Além disso, elas causam grande rejeição principalmente entre crianças”.

Vítima de uma nefrite (inflamação nos rins), o cabrito modificado sobreviveu apenas 17 dias. A morte prematura do animal impossibilitou o desenvolvimento de testes com o transgênico, mas não desanimou a equipe que já planeja repetir o experimento em abril do próximo ano. “Estamos desenvolvendo esta pesquisa desde 1999 com, pelo menos, um experimento por ano. Já temos parte do recurso para dar continuidade à pesquisa no próximo ano assegurado através do financiamento do Ministério da Ciência e Tecnologia”.

Experiências como esta comprovam a espécie caprina como excelente modelo para o desenvolvimento de transgênicos. As vantagens incluem o pequeno porte do animal, o fato de uma cabra poder gerir, simultaneamente, mais de um embrião, e o tempo de gestação, que dura em média cinco meses; além da elevada produção leiteira. Por este motivo foram escolhidos para a experiência animais da raça européia Saanen, que chegou ao Brasil na década de 30 e é caracterizada por produzir leite em grande quantidade. “Além de todas estas vantagens, ainda afirmarmos

a importância da espécie caprina para o nosso Estado. A cabra é a cara do Ceará e do Nordeste”, ressalta Freitas.

O fato de experiências como esta resultar no nascimento de machos - como foi o caso do cabrito Carlos - não inviabiliza a pesquisa como se pode pensar já que o intuito é a produção de leite. Nestes casos, os animais são utilizados como reprodutores, com a função de transmitir o gene alterado para seus filhotes.

Outras experiências com animais transgênicos já obtiveram sucesso em países onde o nível tecnológico e de financiamento é superior ao do Brasil, como o Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Coreia do Sul e França. Para se ter uma idéia do volume de recursos envolvidos, segundo o professor, basta observar que uma empresa privada do Canadá, que obteve caprino transgênico, tem como principal parceiro o exército americano.

Mas Freitas ressalta que este foi o primeiro experimento com a proteína humana G-CSF. “No Canadá, por exemplo, foi desenvolvido transgênico para produção de uma proteína encontrada na teia de aranha. Por ser uma proteína de grande resistência, ela seria utilizada na fabricação de fardamento do exército e de colete a prova de balas”.

A equipe do Laboratório de Fisiologia e Controle da Reprodução da Uece, responsável pelo experimento, também desenvolve pesquisas sobre fecundação in vitro, inseminação artificial e transferência de embriões. Através da pesquisa com transgênicos intitulada “Caprinos Transgênicos para Produção de Biofármacos de Interesse em Medicina Humana” foi possível investir em equipamentos para o laboratório, capacitar a equipe para receber novos financiamentos e contribuir com o aperfeiçoamento da produção científica do Estado.

Criador e criatura: o pesquisador Vicente Freitas mostra Carlos (no computador), o primeiro cabrito transgênico da América Latina



Gás para todos

UFC desenvolve software para popularizar uso de gás natural

Com o objetivo de massificar o uso do gás natural no Estado do Ceará, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Infra-estruturas de Transporte e Logística da Energia da UFC (Glen) elaborou o projeto Gaslog – Sistema Logístico de Distribuição de Gás Natural. O sistema é baseado no desenvolvimento de um programa computacional que, através de uma base de dados, permite o acesso de distribuidores e consumidores a diversas informações sobre o gás natural.

Em estudo desde 2002, o sistema Gaslog é um dos projetos vinculados à Rede Cooperativa de Pesquisa Norte-Nordeste de Gás Natural – RECOGAS. Para sua execução foram investidos R\$ 635 mil, através da Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal (Finep), e R\$ 127 mil pela Petrobras. Sua primeira versão tem lançamento previsto ainda para este ano e, segundo o professor João Bosco Furtado Arruda, coordenador da pesquisa, o desenvolvimento do software pode beneficiar outros Estados, contribuindo para a popularização do uso do gás natural no Brasil. “Basta acrescentar o banco de dados de qualquer outro Estado a esta tecnologia que já foi desenvolvida”, afirma.

O software proporciona aos usuários esclarecer dúvidas sobre o uso do produto, conhecer os postos onde ele é comercializado e, através de mapas, localizar os pontos de venda mais próximos para o consumidor. Por outro lado, o mesmo programa possibilita aos distribuidores tomar decisões de cunho logístico mais acertadas como, por exemplo, a melhor forma de distribuição do produto ou identificar as áreas com maiores demandas. “O sistema vai oferecer condições de otimizar o uso do gás natural, ou seja, reduzir custos e maximizar a acessibilidade do cliente ao produto”, explica Arruda.

Segundo Arruda, existe no Estado um amplo mercado a ser conquistado que in-



Programa vai mostrar postos onde gás é comercializado, com sua localização num mapa, e tira-dúvidas sobre a utilização do combustível

clui indústrias, comércios, residências e proprietários de veículos. Na indústria, o gás natural pode ser utilizado como combustível para o fornecimento de calor. Em casa, ele substitui, por exemplo, o chuveiro elétrico. Como combustível veicular, é uma boa opção à gasolina, ao álcool e ao óleo diesel utilizados em automóveis, ônibus e caminhões.

Entre as vantagens de se optar pelo gás natural como fonte de energia, o professor aponta o baixo custo do produto e o fato deste gás ser menos poluente do que os combustíveis derivados do petróleo. “O Brasil está fazendo um grande esforço para mudar sua matriz energética baseada no petróleo, que não é renovável e é bastante poluente”, diz. Além disso, o gás natural proporciona maior segurança em caso de vazamentos. Por ser mais leve que o ar, o gás se dissipa rapidamente na at-

mosfera, diminuindo o risco de explosões e incêndios.

Responsável pela execução do projeto de distribuição do gás natural, o GLEN/ UFC é um grupo multidisciplinar que conta com uma equipe de 22 pesquisadores entre professores e alunos de graduação, pós-graduação e mais um consultor. Além de pesquisas acadêmicas, o grupo também presta consultorias para instituições. ☺

Serviço:

GLEN - Grupo de Estudo e Pesquisa em Infra-estruturas de Transporte e Logística da Energia da UFC/ Campus do Pici - Bloco 724
www.glen.ufc.br
 E-mail: glensec@glen.ufc.br
 Fone/Fax: (85) 3366.93.96

Sensibilidade social

Escritório integrado ao Centro de Tecnologia dá contribuição à humanização das engenharias e à questão habitacional



Sede do Escritório de Tecnologia Social, no Campus do Pici: Engenharia e Arquitetura voltados para os interesses da comunidade

O Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) ganhou oficialmente no final de outubro um novo escritório. Mas não é um escritório qualquer. Com a inauguração do prédio, cujas planta e construção foram baseadas em um modelo de casa popular, o Escritório de Tecnologia Social (ETecS) pretende reunir projetos de extensão na área social, servir de instrumento pedagógico para os estudantes dos cursos envolvidos nas atividades e apoiar comunidades sem acesso a tecnologias nessas áreas.

O escritório é uma das possibilidades de contribuição para a humanização das engenharias, segundo o coordenador Ale-

xandre Araújo Bertini. “Ele vem suprir uma lacuna importante no Centro de Tecnologia, tem uma função de humanização da engenharia, para a percepção dos problemas sociais”, argumenta. A intenção é que, por meio do escritório, as pesquisas de pós-graduação sejam canalizadas para áreas de interesse social, inclusive com vistas a reduzir o déficit e o problema habitacional da população de baixa renda.

“Com o escritório, a UFC cumpre seu papel extensionista e os alunos contam com uma ferramenta de aprendizagem muito forte. É uma via de mão dupla: agrega projetos de extensão na área social e capacita técnica e humanamente os alunos,” acres-

centa Alexandre Bertini, que é engenheiro civil e professor do Departamento de Engenharia Estrutural e Construção Civil.

Antes, o escritório, cujas atividades tiveram início no ano passado, não contava com instalações próprias. As reuniões eram realizadas em salas de aula ou em outros espaços do Centro de Tecnologia. O ETecS reúne quatro professores e cerca de 30 alunos das áreas de Engenharia e Arquitetura em atividades que buscam uma aproximação com comunidades carentes. O escritório identifica demandas e procura facilitar o acesso das respectivas comunidades a tecnologias que necessitam e que, para elas, sejam de difícil acesso.

O ETecS busca desenvolver projetos de engenharia e arquitetura e, preferencialmente, para comunidades com algum nível de organização, pois não pretende atender demandas individuais. “Como detentores do conhecimento, podemos orientar no uso de tecnologias, indicar a mais adequada para cada situação, oferecer a melhor solução para o problema apresentado, propor uma mais alternativa”, explica o coordenador do Escritório. É como oferecer gratuitamente a essas comunidades uma consultoria que elas não teriam condições financeiras de contratar.

O Escritório desenvolveu, por exemplo, o projeto para a edificação e a instalação de uma cozinha-escola no Parque Universitário que vai servir para cursos na área de produção de alimentos. Outra iniciativa do ETecS é o desenvolvimento do projeto de reforma e ampliação de uma creche da Associação Comunitária do Parque São José que atende cerca de 700 crianças. O apoio contempla as partes arquitetônica, estrutural, de instalação, orçamento e planejamento da obra.

Além de procurar atender demandas de comunidades carentes da periferia de Fortaleza, o escritório também tem bus-

cado estimular o contato dos universitários com essas comunidades. Por meio de uma parceria com a Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (Lubnor), o EtecS oferece um cursinho pré-vestibular para jovens dos bairros Serviluz e Castelo Encantado.

Os professores do cursinho são os próprios estudantes de Engenharia. E o diferencial da experiência é que os futuros engenheiros se deslocam até a comunidade para dar as aulas, sempre aos sábados, pela manhã e à tarde. As atividades são desenvolvidas nas sedes das associações comunitárias dos dois bairros.

O cursinho pré-vestibular é, na avaliação do estudante de Engenharia Civil André Frota Ribeiro, uma das formas de começar a fomentar, por meio do escritório, projetos de extensão no Centro de Tecnologia. “A UFC só ganha com esses projetos de extensão e inclusão social. E já era hora do Centro de Tecnologia avançar nesse sentido, pois a extensão andava muito devagar no CT”, observa André, que é também coordenador-geral discente do cursinho pré-vestibular 2006. Pessoalmente, ele encara a oportunidade de participar da experiência como um desejo, mas

também um dever, pois é um integrante do Programa Especial de Treinamento (PET), que tem como um dos objetivos trabalhar a extensão universitária.

Para os estudantes que mantêm contato direto com os jovens da comunidade, a experiência de dar aulas para eles é ainda mais gratificante. “Eu sou apaixonada por esse projeto por entender o que ele pode significar para os alunos, que pode ter uma consequência grandiosa para eles, pode transformar a vida deles ao conseguirem entrar na universidade”, percebe Thaís Saraiva Leão, estudante do quarto semestre de Engenharia Química. Ela se reveza com outros quatro universitários das engenharias para ministrar aulas de inglês para as duas turmas do cursinho. ☺

SERVIÇO

O Escritório de Tecnologia Social (ETecS) é vinculado ao Centro de Tecnologia da UFC e está localizado no Bloco 708, no Campus do Pici. Telefone: (85) 3287.2616



Alunos e professores do cursinho pré-vestibular, um projeto fomentado pelo Escritório

Dinheiro cearense na pesquisa

Editais lançados pela Funcap contemplam 150 laboratórios no Estado



O antigo aparelho de autoclave, utilizado na esterilização de objetos de pesquisa do Biotério da UFC, será substituído por outro, através de financiamento da Funcap

Francisco Erivan de Abreu Melo, diretor científico da Funcap, o programa elimina os riscos de interrupção de importantes pesquisas por falta de financiadores. Em 2006, sete grupos estão sendo avaliados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), parceiro neste programa, para receber financiamento durante um período de quatro anos. Uma das prioridades na seleção é a escolha de projetos que garantam retorno para a sociedade.

Cerca de 150 laboratórios de pesquisa no Ceará serão beneficiados, ainda este ano, pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) com investimentos que visam à manutenção e modernização dos espaços. A Fundação destinará R\$ 7 milhões para compra de equipamentos, material de consumo e permanente, além da contratação de serviços, o que irá garantir um salto qualitativo no resultado de pesquisas científicas realizadas no Estado.

Os laboratórios foram selecionados através de edital que prevê a melhoria da infra-estrutura destes espaços e corresponde a um dos 13 programas lançados pela Funcap, em 2006. “Destá forma, estamos trabalhando para a melhoria da condição de vida do povo cearense, assim como para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB)”, diz José Vitorino de Sousa, presidente da Fundação.

Vinculada à Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Ceará (Secitece), a Funcap possui

como objetivo de suas ações o fomento à produção científica, integração do conhecimento entre centros de estudo tecnológico, incubadoras, universidades, instituições de pesquisa e empresas.

Seguindo esta linha, foi criado o Programa Empresa Competitiva (Pappe), lançado em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos do Governo Federal (Finep). O programa incentiva os estudiosos cearenses a desenvolver pesquisas voltadas às demandas de empresas privadas, permitindo a abertura do mercado de trabalho para jovens doutores formados no Ceará. Em sua segunda seleção, o Pappe foi elaborado para solucionar um dilema dos pesquisadores que investem na formação acadêmica e, muitas vezes, ao finalizar os estudos, não têm perspectiva de conseguir um emprego.

Já o Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) permite que grupos de pesquisadores de comprovada competência desenvolvam pesquisas científicas, tecnológicas ou de inovação. Segundo

Outro investimento da Funcap é a concessão de bolsas para projetos de mestrado e doutorado. Atualmente, cerca de 900 pesquisadores são beneficiados. “Este ano não deixamos nenhum projeto de doutorado que nos foi enviado sem bolsa. E apenas quatro de mestrado não foram atendidos”,





Erivan Melo, diretor científico da Funcap, diz que a meta é expandir editais para a área de Humanidades, em 2007. Investimentos estão concentrados hoje na área de tecnologia

a incentivos como bolsas de mestrado e doutorado, bolsas de iniciação científica para alunos de Ensino Médio, financiamento para modernização de laboratórios, desenvolvimento de projetos científicos, realização de eventos para a comunidade acadêmica, fomento à pesquisa tecnológica em empresas privadas, dentre outras atividades.

Hoje os editais são direcionados aos centros de ciência e tecnologia. Mas Melo afirma, como meta para o próximo ano, a expansão do financiamento para projetos da área de humanidades, através de um edital específico de cultura e arte. “Este ano já iniciamos a formação de recursos humanos na área artístico-cultural, através da concessão de bolsas de estudo, e pretendemos expandir com criação de editais específicos a partir de 2007”.

Biotério da UFC é contemplado

Selecionado em edital que prevê investimentos para a modernização de laboratórios, o Biotério Central da UFC espera receber, ainda este ano, um novo aparelho de autoclave. Avaliado em R\$ 120 mil, o equipamento é utilizado para esterilizar objetos que tenham contato direto com os animais do laboratório. “Tudo precisa ser esterilizado, da ração dos animais às roupas dos funcionários. Esse cuidado é para que não haja risco de contaminação dos animais por agente externos”, explica Ana Fontenele Urano Carvalho, diretora do Biotério.

A diretora relata que o equipamento antigo, existente desde que o Biotério foi criado, em 1992, quebra com frequência, prejudicando o andamento de pesquisas nos mais diversos laboratórios da UFC. O Biotério produz por mês cerca de seis mil ratos e camundongos e é responsável pelo suprimento destes animais

a todos os laboratórios da universidade. Ana Carvalho explica que quando a autoclave quebra a equipe do Biotério precisa realizar levantamento para verificar se há contaminação dos animais por parasitas e medicá-los, se for o caso. Nesse ínterim, muitas pesquisas acabam sendo paralisadas. “Um animal sem qualidade ou contaminado acaba interferindo no resultado das pesquisas”, diz.

A diretora avalia o financiamento destinado à aquisição da nova autoclave como uma grande conquista para toda a universidade. “Pois ela não vai beneficiar apenas um laboratório ou uma pesquisa, mas sim todos os departamentos que necessitam de ratos e camundongos para o desenvolvimento de suas pesquisas”, comemora. ☺

EDITAIS

Bolsas Acadêmicas de Mestrado e Doutorado (Funcap)

Bolsas Acadêmicas de Mestrado e Doutorado (Funcap e Caps)

Iniciação Científica, Tecnológica, Cultural e Artística

Infra-estrutura de Laboratórios

Apoio à Participação

Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional (DCR)

Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex)

Programa Primeiros Projetos (PPP)

Iniciação Científica ou Tecnológica Júnior (Pibic Jr.)

Pesquisa para o SUS: gestão compartilhada em saúde

Apoio a Eventos Regionais e Locais

Programa Empresa Competitiva (Pappe)

Programa Recém-doutor e Recém-Mestre

Mais informações:

Funcap
Av. Oliveira Paiva 941,
Cidade dos Funcionários
Fone: (85) 3101.21.70
www.funcap.ce.gov.br

comemora Vitorino de Sousa. Além das bolsas financiadas exclusivamente com recursos do Tesouro do Estado - através de edital lançado em janeiro deste ano - também serão disponibilizadas outras 100 bolsas através de convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), aumentando ainda mais o número de beneficiados.

No total serão investidos R\$ 7,7 milhões em apoio a projetos de mestrado e doutorado. “O crescente investimento faz da Funcap a quarta maior agência financiadora de bolsas no País atualmente”, afirma Erivan Melo. Nas primeiras colocações estão o CNPq e a Capes, de nível federal, além da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O crescimento da demanda para o financiamento de projetos tem levado a Fundação a disponibilizar, ano a ano, um volume cada vez maior de recursos. De acordo com Melo, foi destinado para os 13 editais, somente em 2006, um montante superior a R\$ 39 milhões.

Os editais, lançados em diferentes períodos do ano, permitem aos pesquisadores inscrever seus projetos e concorrer

Vitorino de Sousa, presidente da Funcap, diz que todas as solicitações de bolsas de doutorado foram atendidas em 2006

Na berlinda

Ações do Governo Federal, na área do ensino superior, são avaliadas por quem vive o cotidiano das universidades federais no País. *Universidade Pública* também procurou saber quais as expectativas da comunidade acadêmica para o próximo governo Lula.

Por Ana Rita Fonteles

Apenas 10% dos jovens, em idade universitária, no Brasil, estão no ensino superior

Take 1. Num depoimento emocionado uma senhora declara: “Moço, o meu filho agora é universitário. Ele ganhou uma bolsa pelo Lula, no Prouni. Quem foi que já fez isso?”. Take 2. Imagens de canteiros de obras de futuros campi universitários são mostrados em todo o País. Take 3. Uma faxineira gaúcha fala de sua emoção por ter ingressado no curso de Enfermagem, através de bolsa concedida pelo Governo e declara: “O Lula nunca teve um diploma universitário. Acho que é por isso que ele luta tanto pra que a gente tenha um”. Essas foram cenas mostradas à exaustão, durante o programa eleitoral do então candidato à reeleição para a presidência da república no último pleito. Parafraçando o agora reeleito Lula, nunca antes, na história da república, realizações na área do ensino superior foram tão utilizadas para ganhar votos.

No programa de governo, os compromissos com o ensino superior enfatizam

seu “aprofundamento” e “ampliação”, através da continuidade do Programa Universidade para Todos (Prouni), criação de novas universidades e de mais vagas nas instituições federais, além da aprovação da reforma universitária, desenvolvimento do Plano Nacional de Pós-Graduação, e do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes).

As promessas ecoam forte dentro e, principalmente, fora da universidade, afinal apenas 10% dos jovens brasileiros, em idade universitária, têm acesso ao ensino superior e é impossível negar que o diploma ainda alimenta o sonho de ascensão social e sucesso profissional. Mas a concessão de certificados de graduação é apenas um aspecto no debate que envolve diferentes concepções sobre a universidade num país como o Brasil. Mas afinal, houve mais avanços ou recuos no Governo Lula com relação ao ensino superior?

Entre entusiastas e críticos, do atual Governo, um ponto é considerado pacífico: os investimentos na manutenção e infra-estrutura das universidades federais cresceram e fizeram diferença. Embora deficiências gritantes na infra-estrutura permaneçam, as cenas de ameaças de cortes de luz, água e telefone, no Governo passado, não se repetiram entre 2003 e 2006. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), o orçamento global para as universidades federais cresceu 16% entre 2004 e 2005 – de R\$ 7,7 bilhões para R\$ 8,9 bi. Um alívio para os gestores das Instituições Federais de Ensino Superior.

O coordenador de Análise Institucional e Avaliação da Pró-reitoria de Planejamento (UFC), Wagner Andriola, explica como a ação repercutiu na Universidade Federal do Ceará. Em 2003, diz, o orçamento da UFC era de R\$ 17 milhões. Para 2007, estão previstos R\$ 42 milhões, sendo R\$ 5 milhões para a interiorização da Universidade. “Concretamente houve um incremento que possibilitou liquidar dívidas de R\$ 9 milhões de reais com prestadores de serviço. Tínhamos quase metade de nosso orçamento comprometido com dívidas. Além de termos liquidado,

O incremento no orçamento da UFC permitiu a expansão para o interior e a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, em Fortaleza



vamos deixar fundo de reserva para próximo reitorado”.

Segundo ele, a expansão da UFC para a Região do Cariri, Sobral e Quixadá é a realização mais visível, colaborando para o crescimento dos cursos de graduação que eram 53, em 2003, e passaram para 65, em 2006, um aumento de 23%. Os cursos de pós-graduação também foram ampliados, passando de 58 (15 doutorados e 43 mestrados), em 2003, para 67 (18 doutorados e 49 mestrados), atualmente.

Andriola ressalta, ainda, a contratação de pessoal, uma reivindicação constante durante mais de oito anos do Governo FHC. Duzentos novos professores, em sua maioria doutores, passaram a integrar os quadros da Instituição nos últimos quatro anos. Bom lembrar que a última grande contratação tinha se dado em 1997. Os concursos aconteceram em todo o País. De acordo com o MEC, em 2003 e 2004 foram contratados 2.344 professores nas Ifes; em 2005, 2586 foram nomeados e há ainda

a previsão de contratação de mais 2.500.

Mas mesmo essas contratações ainda não são suficientes para repor a carência de professores, principalmente num quadro de expansão como o pretendido. A Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes) estima que, mesmo com os concursos realizados, mais dez mil vagas seriam necessárias. “Vinte e cinco por cento de nossos 54 mil professores ainda são substitutos. Em alguns casos houve situações de melhora, mas ainda falta muito”, afirma o presidente Paulo Rizzo.

A realização de mais concursos públicos também é reivindicação dos servidores, como explica a coordenadora de Educação da Federação de Sindicatos de Trabalhadores de Universidades Brasileiras (Fasubra), Léa de Sousa. “Cabe ressaltar a autorização de concurso público para 10 mil vagas de técnico-administrativos nos HU’s e o aumento do custeio dos HU’s na ordem de R\$ 5 bilhões. Estes recursos e a liberação de vagas não foram ainda suficientes para



atender a demanda reprimida”.

Uma das áreas beneficiadas por recursos inéditos foi a Extensão. A coordenadora de Integração Universidade-Movimentos Sociais da Pró-Reitoria de Extensão da UFC, Célia Gurgel, disse que os editais lançados no Governo Lula incrementaram ações em diversas áreas como direitos humanos, alfabetização, reforma agrária, políticas de promoção da igualdade. “Isso não existia antes”. Ela acredita, no entanto, que a reforma universitária deva enfatizar o papel da extensão como pilar na formação universitária. “Muitas vezes as políticas vêm, mas os professores e servidores não estão preparados para atuar na ação e gestão extensionista. Aí, não adianta”.

O debate pós-eleição entre governistas partidários do monetarismo e do desenvolvimentismo também preocupa as entidades. Elas temem que, em busca do esperado “espetáculo do crescimento”, o Governo resolva cortar gastos públicos, ameaçando a expansão já iniciada. Segundo o MEC, no governo Lula, quatro novas universidades federais foram criadas (ABC, Grande Dourados, Univasf e Reconcavo Baiano), seis estão em processo de criação (Alfenas, Triângulo Mineiro, Semi-árido, Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri e Tecnológica do Paraná).

O calcanhar de aquiles da reforma

- Embora fundamental, não foi exatamente na questão orçamentária onde se deu o debate mais forte e polêmico entre sindicatos, estudantes, gestores e governo nos últimos quatro anos. A proposta governamental de Reforma Universitária, em tramitação no Congresso Nacional, é chamada por algumas lideranças de docentes e alunos de contra-reforma. Há a defesa aberta da retirada imediata do projeto para ampliação do debate com a sociedade. Essa foi a posição aprovada no último encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação, apoiada por entidades como a Associação Nacional dos

Docentes do Ensino Superior (Andes).

“Ao tratar no mesmo projeto de lei, o 7.200, da educação superior pública e da educação superior privada, o governo conseguiu criar uma situação muito delicada. A tímida tentativa de regular o setor privado provocou uma reação dos setores privatistas que reclamam o fim de qualquer controle. Apresentam isso em projetos de lei e por emendas ao projeto do governo”, afirma o presidente da Andes, Paulo Rizzo.

O professor critica o fortalecimento do lobby dos representantes das instituições privadas de ensino, responsáveis por 70% das matrículas no Brasil. Para Rizzo, este lobby é estimulado por ações governamentais contidas no projeto. “O governo adota para as suas políticas o conceito da educação enquanto bem público, que é uma noção que não distingue o público do privado, acreditando que exista uma noção

de complementaridade entre os dois numa coexistência estável. Tal conceituação substitui a da universalização do direito à educação pública, gratuita e de qualidade”.

Na defesa desse princípio, o Prouni (Programa Universidade para Todos), instituído por medida provisória em setembro de 2004, é o item mais atacado. Trata-se da concessão de bolsas de estudo integrais e parciais (50%) para cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior com ou sem fins lucrativos. O público-alvo é formado basicamente por estudantes egressos de escola pública, escolhidos a partir de seu perfil sócioeconômico e dos resultados do Exame Nacional de Cursos (Enem), realizado no segundo grau. Em troca das vagas, as instituições privadas participantes recebem isenções de impostos. Segundo o MEC, durante o



primeiro governo Lula, foram concedidas 242 mil bolsas de estudo. A meta é ampliar esse número.

“Ainda que seja tentativa de fortalecer a democratização do ensino é passível de críticas. As entidades privadas já contam com Fundo de Financiamento do Estudante de Ensino Superior (Fies). O Prouni é forma de incrementar subsídios à iniciativa privada”, alerta o professor Wagner Andriola. A presidente da Associação dos Docentes da UFC, Helena Serrazul, aponta o mesmo problema e questiona o tipo de ensino prestado nesses estabelecimentos. “Verba pública é para o setor público, principalmente na educação e na saúde. Além disso, nós defendemos expansão da Universidade, mas com qualidade”.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, disse, em artigo (*Folha de SP*, 31/08/06), que o Prouni, na verdade, corrigiria uma distorção, pois entre 1988 e 2004, as instituições de ensino superior sem fins lucrativos, amparadas pela Constituição Federal, gozavam de isenções fiscais sem nenhuma regulação do poder público, o que também era garantido por acórdão do Supremo Tribunal Federal. “Até 2004, as IES concediam bolsas de estudos, mas eram elas que definiam quem seriam os beneficiários, em que cursos, o número de bolsas e os descontos concedidos. Raramente era concedida uma bolsa integral. E quase nunca num curso de Medicina. Surge o Prouni para moralizar essa situação. O Prouni estabelece que as IES que gozem de isenções fiscais passem a conceder bolsas de estudo na proporção dos alunos pagantes por curso e turno, sem exceção”.

A expansão da assistência estudantil, com ampliação do programa de bolsas, residências e restaurante universitário, é urgente na visão de especialistas

Glaidiciane, Carol, Evilene e Sônia: na luta para permanecer na universidade



O exemplo de quem rema contra a maré

Uma velha casa, no Benfica, abriga 11 estudantes. A maior parte deles faz graduação. A maioria estuda na UFC, em diferentes cursos, e cinco estão estudando em faculdades privadas, através do Prouni. Em comum, além de compartilharem o mesmo teto, serem do Interior do Ceará, e de integrarem o Projeto Coração de Estudante (Prece), onde se prepararam para o vestibular, eles vivem a mesma realidade: a falta de assistência para se manterem no ensino superior. As despesas da casa são divididas pelos estudantes, através de trabalhos, bicos, auxílio das famílias, a maior parte de agricultores, e da ajuda do Prece, onde quase todos são monitores.

O MEC não destina rubrica específica para a assistência estudantil. Na UFC, segundo dados da Pró-reitoria de Assistência Estudantil, 13% do orçamento é literalmente desviado de outras atividades, como ensino e pesquisa, para financiar 14 residências universitárias, onde vivem 260 estudantes, que fazem suas refeições gratuitamente nos restaurantes universitários, além de financiarem bolsas de assistência, assistência médica, odontológica e psicológica.

“A questão está alarmante. Algumas pessoas vão entrar e não vão ter onde ficar. O Governo está trabalhando política de acesso sem pensar na permanência das pessoas”, desabafa Carol Avendaño. Natural de Pentecoste, ela foge ao perfil das cotas raciais. É branca, loura, de olhos ver-

des, mas de família pobre, conseguiu furar o cerco e cursa o quarto semestre de Jornalismo na UFC. Diferente das amigas da casa, ela conseguiu uma bolsa no projeto Conexões de Saberes, programa do MEC que cria canais de interlocução entre a academia e as comunidades populares.

A amiga Sônia Holanda, 25, está à espera de uma promessa de trabalho de meio expediente para manter-se na casa. Depois de ter prestado vestibular para Letras/Espanhol, sem aprovação, e ter sonhado com Psicologia, ela acabou optando pelo curso de Turismo, através do Prouni. “Vi que se encaixa nos projetos de empreendedorismo que temos para nossa comunidade”, justifica. Para ela, o Programa é boa opção, pelo menos em parte. “A bolsa passa direto para a faculdade. Não temos bolsa de assistência, porque essa é só para quem estuda em período integral. Ou a pessoa desperta para lutar e se manter ou desiste”.

Para Evilene de Sousa Abreu, 19, o Prouni foi não só a forma encontrada para continuar estudando, mas de fazer o que realmente queria. Depois de duas tentativas frustradas de ingressar na UFC, ela entrou na segunda tentativa no Prouni, no curso de Publicidade e Propaganda. “Estou adorando. Tem tudo a ver comigo”. Para ela, as dificuldades não são novidade. “Lembro quando a gente tinha de viajar de pau-de-arara para chegar até o sítio do Prece. Um dia a gente vai rir de tudo isso”, idealiza.



O argumento ainda é alvo de críticas, mas o Prouni não é descartado mesmo por entidades classistas. A coordenadora geral do Sindicato dos Servidores da UFC (Sintufce), Lucineide Paiva, considera o programa um avanço. “Temos críticas, porque defendemos, ao máximo, investimentos nas universidades públicas, mas reconhecemos a oportunidade dada a muitos filhos de trabalhadores”. Para Lea Sousa, da Fasubra, “é necessário um acompanhamento avaliatório da qualidade do ensino dessas Instituições. O ensino superior não deve ser apenas uma fábrica de diploma, deve ter como perspectiva a formação de cidadãos críticos, conscientes de seu papel de transformação social”.

Uma outra discussão também polêmica na reforma universitária é a chamada Lei de Cotas. De acordo com o texto do projeto, ainda não votado, as universidades federais deverão reservar pelo menos cinquenta por cento de suas vagas em seus vestibulares para estudantes que tenham cursado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas. Essas vagas deverão ser preenchidas por uma proporção mínima de auto-declarados negros e indígenas, igual à proporção na população daquele Estado, de acordo com o IBGE.

O projeto levanta de um lado acusações de hipocrisia e de estímulo ao racismo, do outro, se afirma como uma política de urgência para a inclusão de públicos historicamente excluídos do ensino superior. “Somos favoráveis às políticas de ações afirmativas. Estas, no entanto, não podem estar resumidas a critérios diferen-

ciados de acesso à educação superior, mas estendidas a toda educação, pois a maioria dos indivíduos dos segmentos sociais que se pretende atingir com as cotas, sequer consegue concluir o Ensino Médio”, provoca Paulo Rizzo, da Andes. Já Lea Sousa, da Fasubra, se diz favorável às cotas, mas não para sempre. “Defendemos a cota como uma ação pontual de reparação histórica para com os afro-descendentes, mas articulada ao corte de classe social”.

Várias universidades saíram na frente e não esperaram a aprovação da lei para instituir seus próprios sistemas de cotas. Na UFC, uma série de discussões, capitaneadas pelo Grupo de Trabalho em Ações Afirmativas, durante o ano passado, resultou em documento, no final de 2005, mas o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) preferiu aguardar a aprovação da Lei no Congresso.

A relatora do documento no Cepe, pró-reitora de Graduação da UFC e presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação (Forgrad), Ana Iório Dias,

diz que a recepção do Cepe foi “decepcionante” e denota “falta de cultura para trabalhar com a diversidade”. Ela acredita, no entanto, que o Governo Federal deva permitir que as universidades definam suas próprias ações nessa área. “O Forgrad não está gostando do projeto de lei. Queremos trabalhar a diversidade com autonomia, de acordo com as realidades das universidades. A UFRN, por exemplo, não trabalha com cotas raciais, mas sociais”.

Ela afirma que a própria discussão proporcionada pela Lei é positiva e diz que editais lançados pelo Governo Federal possibilitaram o desenvolvimento de ações afirmativas dentro da Universidade. “Um deles foi o Projeto Barreiras Arquitetônicas que permitiu a construção de rampas e outros recursos nos cursos que possuem pessoas com alguma deficiência. Estamos também criando laboratório para alunos com deficiência visual e já está funcionando curso à distância, para formar 550 professores da educação básica na linguagem de Libras, o que atende ao decreto governamental de 2005”.

A Biblioteca da Pós-Graduação, o Laboratório de Engenharia de Soldagem e o Laboratório de Combustíveis, conquistas do Centro de Tecnologia, a partir dos Fundos Setoriais



Ciência e Tecnologia – Uma das pontas do tripé que sustenta a missão da universidade no Brasil, a pesquisa também sofreu avanços na avaliação de entidades e pesquisadores, embora se reconheça que muito falta a ser feito. Para o presidente nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ênio Candotti, o maior ganho foi a continuidade e mesmo a retomada de políticas anteriores ao próprio Governo Lula.

Ele enfatiza a manutenção dos fundos setoriais, que tiveram seus critérios de alocação rediscutidos. “Do ponto de vista de recursos dos fundos setoriais houve ligeiro crescimento, da ordem de R\$ 1 bilhão em valores constantes. Houve passagem de R\$ 300 milhões, em 2003, para R\$ 1,2 bilhão atualmente”. E comemora a volta da Finep como agência institucional com apoio às universidades. “O BNDES inaugurou sua participação no circuito de financiamento da inovação tecnológica, oferecendo juros reduzidos para empréstimos. Essa determinação de conjugar ciência e tecnologia com

a área industrial não existia antes”.

Candotti ressalta, ainda, como aspecto positivo, a descentralização de investimentos, com aplicação de recursos em universidades fora do eixo central do País. “Há tempos não se tinha tantas contratações e infra-estrutura”. A maior participação da comunidade científica nas decisões também é ressaltada. “Não houve um dia no atual governo em que a SBPC não tenha recebido uma consulta. É boa surpresa, para a qual não estávamos preparados e não podemos atender a contento”.

Para o pesquisador, no entanto, falta mais articulação entre os diversos ministérios que acabam investindo em C&T, sem planejamento e coordenação. A formação de recursos humanos ainda é considerada lenta, assim como o não incentivo à maior formação em áreas consideradas vitais para o incremento tecnológico. “Temos muitos advogados e poucos engenheiros. O crescimento na formação de doutores é importante, mas precisamos ver qual a distribuição dessa produção. Quantos es-

tão sendo formados em Bioquímica, em Física? E quantos em Pedagogia, Direito? Temos que equilibrar isso”.

O mesmo princípio de crítica às parcerias público-privadas, as chamadas pps, concretamente implementadas em ações como o Prouni, também são alvos de críticas que acusam o Governo de promover “capitalismo acadêmico”, estreitando as relações entre a universidade e o mercado. Duas ações específicas instituídas em 2004 estão no alvo da polêmica: a lei de Inovação Tecnológica e o Decreto das Fundações. A primeira estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, permitindo que universidades e outras instituições públicas de pesquisa compartilhem, por prazos determinados, laboratórios, equipamentos e até mesmo pessoal, com empresas que atuam no desenvolvimento tecnológico. Já o decreto das fundações regulamenta relações entre as Ifes e as fundações de apoio e a busca de recursos por estas fora da esfera acadêmica.





Documento produzido pela Andes, uma das maiores opositoras a esses instrumentos, diz que o objetivo dessas políticas é incompatível com a função social da universidade. “O objetivo é transformar as IES em espaços de adequação tecnológica, de prestação de serviços, de ajustes de processos em serviços – atividades que não podem ser conceituadas como próprias das universidades. Assim, esses projetos, ao generalizarem essas atividades, redefinem a própria função social das instituições. Por isso, convertem o docente em um empreendedor que será remunerado conforme a sua capacidade empreendedora”.

Para alguns pesquisadores e gestores, no entanto, essa posição não contempla a função de formação profissional pela qual a universidade é responsável. “Você não pode desvincular funcionamento da instituição pública de atividade econômica. Defendo que o que fazemos seja de interesse imediato do setor produtivo, para a melhoria da produtividade. Não adianta ficarmos encastelados, pesquisando e produzindo papers, sem isso gerar produtos. Não há como ensinar tecnologia sem desenvolver tecnologia”, afirma o diretor do Centro de Tecnologia da UFC, professor Jesualdo Pereira.

Nos últimos anos, ele viu seu Centro crescer, graças aos recursos de vários fundos setoriais. Cerca de R\$ 20 milhões em quatro anos. Viu serem implantados laboratórios de pesquisa, montados em parcerias com empresas na área de informática e telefonia. Eles, agora, pertencem ao patrimônio da UFC. “Trabalhamos como as empresas trabalham aí fora, ensinamos aos alunos a como fazer”. Ele acrescenta, no entanto, que essa relação deve se dar simultaneamente com o desenvolvimento de projetos de pesquisa voltado para a melhoria das comunidades, a exemplo de projetos existentes no CT na área de saneamento básico, reuso de águas, energia solar, etc. E finaliza, “Se a gente pudesse fazer pedido ao governo seria por mais força de

Números


O orçamento global para as universidades federais cresceu 16% entre 2004 e 2005 – de R\$ 7,7 bilhões para R\$ 8,9 bi

Segundo dados da Andes, são necessárias cerca de 10 mil novas contratações para suprir a carência de professores nas universidades federais, com o novo quadro de expansão

As instituições privadas de ensino representam 70% das matrículas no Brasil

O Programa Universidade para Todos (Prouni) concedeu 242 mil bolsas de estudos para alunos carentes na rede particular de ensino

trabalho, professores e servidores. Nossas ferramentas já são suficientes”.

Há uma mobilização nacional dos pesquisadores pelo descontingenciamento de recursos dos fundos setoriais. Segundo dados da Agência Fapesp, mais de R\$ 3 bilhões deixaram de ser investidos desde 1999, sendo desviados para compor o superávit primário das contas públicas, o que é considerado ilegal, uma vez que esse dinheiro não é oriundo de impostos, mas de empresas. A SBPC fala em quatro bilhões. A comunidade científica também está mobilizada contra a inclusão do Ministério da Ciência e Tecnologia entre as pastas que serão distribuídas politicamente entre os partidos aliados ao Governo. “Isso poderia comprometer a confiança e credibilidade da sociedade na própria comunidade científica”, declarou o presidente nacional da SBPC, Ênio Candotti. 



"Queremos trabalhar a diversidade com autonomia, de acordo com a realidade das universidades".

(Ana Lório Dias, Pró-Reitora de Graduação da UFC)



"Não adianta ficarmos encastelados, pesquisando e produzindo papers, sem isso gerar produtos".

(Professor Jesualdo Pereira, diretor do Centro de Tecnologia)



"O Prouni é forma de incrementar subsídios à iniciativa privada".

(Wagner Andriolla, coordenador de Avaliação Institucional da Pró-Reitoria de Planejamento da UFC)

A sintonia da terra

Criada em 22 de fevereiro de 1981, a Rádio Universitária FM passa por um processo de modernização de suas instalações. O próximo passo é levar o sinal aos campi da UFC no Interior

Localizada na última frequência do dial, a Rádio Universitária FM 107,9MHz “vive hoje um dos seus momentos mais ricos”. A declaração é do jornalista e professor do curso de Comunicação da UFC, Agostinho Gósson, que durante dez anos esteve à frente da coordenação da emissora. Atualmente afastado da Rádio, Gósson fala com a experiência de quem tem intimidade com o métier de um dos meios de comunicação de maior difusão no mundo.

A razão de tanto otimismo vem do apoio conquistado, através de parceiras externas, articuladas pela Coordenadoria de Marketing Institucional da UFC. “Parcerias com fundações de apoio à Universidade e com instituições como o Banco do Nordeste, a Prefeitura de Fortaleza e o Banco do Brasil

têm garantido o bom funcionamento da emissora”, ressalta Paulo Mamede, jornalista responsável pela Coordenadoria.

Um convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Fortaleza, a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura e a Universidade Federal do Ceará possibilitaram a instalação de uma nova antena, a informatização dos estúdios e salas de produção, a aquisição de novos equipamentos, a reforma do prédio, a digitalização do acervo, além da elevação de 12 metros na torre de transmissão da emissora, o que proporciona melhor qualidade na emissão e recepção do sinal. “Para se ter uma idéia, até 2003 a redação não possuía nem computador. Os profissionais ainda utilizavam máquina de escrever... e ainda faltava papel”, relembra Mamede.

A atenção dispensada a Rádio, pela administração superior da UFC é o reconhecimento da função desempenhada pela emissora, há 25 anos, na divulgação das atividades da comunidade acadêmica. Mas a Universitária vai além do seu papel fundamental de informar. Diferente de emissora de frequência FM, que coloca os interesses comerciais como determinantes de seus programas, a emissora investe numa programação de qualidade que ressalta o caráter social e educativo do rádio.

Programação variada

A grade de programas musicais revela a pluralidade de estilos. Do hip-hop ao reggae, da MPB tradicional aos clássicos da música erudita, do pop-rock à música

Antena e equipamentos novos, informatização e digitalização do acervo vão permitir que o sinal da Rádio Universitária chegue com mais qualidade a mais pessoas





Professor Agostinho Gósson: "Nosso ouvinte não é manipulado por interesses comerciais"

regional. Vozes que, muitas vezes, não encontram espaço em outras mídias ganham vez e audiência pelas ondas da Universitária FM. Esse respeito à diversidade acaba por construir uma identidade com os ouvintes, pois a emissora não oferece música apenas por entretenimento. Ela também oferece informação para dar suporte à educação do gosto musical.

Já a programação jornalística, que inclui cinco programas diários (Rádio Livre, Rádio Bancários, Jornal 107, Rádio Debate e Jornal da Educação), vai ao ar com a máxima liberdade na produção das informações. Por possuir apenas apoios culturais e não estar vinculados a interesses publicitários, os programas são pautados por temáticas da própria Universidade e de interesse geral da sociedade, levando sempre em consideração a "autonomia de pensar e liberdade de fazer". "O ouvinte sabe que não está sendo manipulado por interesses comerciais. Ele confia nas informações jornalísticas porque sabe que a rádio tem autonomia e independência para produzir a informação", pontua Gósson.

Para Mamede, esta é uma característica da rádio que só tem a crescer. Nos planos para o próximo ano, ele propõe uma mudança na grade de programação a fim de "fazer um jornalismo de ponta". Através de convênios com a Radiobrás e rádios de origem francesa e holandesa, Mamede espera fortalecer o noticiário nacional e internacional, além de investir em coberturas ao vivo.

A diversidade da programação musical aliada à autonomia dos programas jornalísticos faz da Universitária "a rádio de maior liberdade editorial no Ceará" na opinião de Gósson. A rádio é um espaço para onde convergem todas as formas de

expressão política, ideológica e estética da Universidade. "Nesse sentido, ela atende a uma demanda de mais de 30 mil alunos e por isso não pode adotar uma linha específica, como linha única. Ela tem que estar aberta às mais diversas manifestações".

Ouvinte fiel

O resultado desse trabalho é a garantia da conquista de um público fiel, crítico e exigente. Exemplo disso é o historiador Tiago Adatao, 23 anos, ouvinte assíduo da Universitária FM. Parceiro inseparável, o radinho a pilha é porta-voz dos programas favoritos. Dentre eles está "A Programação do Ouvinte", de Nelson Augusto, em que o público pode fazer pedidos ao vivo e o "Arquivo de Cera", apresentado pelo pesquisador Nirez. "A Universitária é um dos poucos veículos da cidade em que se pode ter acesso a programas sem vínculo com a comercialização da cultura, além de apresentar uma qualidade que não encontramos em outras emissoras", diz.

O gosto crítico pela música, Adatao traz de berço. Cresceu entre uma coleção de mais de três mil vinis, conservada pelo pai. E mesmo diante de tamanho acervo, confessa que diversas canções, compositores e intérpretes passou a conhecer através da programação da Universitária. "Passei a apreciar músicos que não conhecia como Nonato Luiz e o poeta paraibano Jessier Quirino. A primeira vez que escutei a banda, hoje famosa, Cordel do Fogo Encantado, também foi na Universitária FM".

O coordenador de Marketing Institucional da UFC, Paulo Mamede: meta agora é levar a Rádio para dois terços da população cearense



Novos rumos

O desafio agora é transpor os limites da capital cearense e levar a Rádio Universitária às regiões do Cariri, Sertão Central e Norte, onde a UFC possui campi. "Desta forma poderemos falar para dois terços da população do Ceará", ressalta Mamede. E mais: Mamede prevê que ainda este ano a programação da rádio estará disponível na internet.

E a boa nova não chegará somente pelas ondas da rádio. O projeto de comunicação para a Universidade, que já compreende o sítio eletrônico, a publicação do *Jornal da UFC*, de periodicidade mensal, e da revista *Universidade Pública*, com tiragem bimestral, inclui a produção de programas de TV. "No mês de novembro, fechamos um convênio com o Banco do Brasil que possibilitará à UFC produzir também para a televisão." O convênio, no valor de R\$ 1,2 milhão, prevê o repasse anual de R\$ 240 mil, durante cinco anos.

A produção dos programas de TV será feita em parceria com o Curso de Comunicação Social, que teve recentemente seu laboratório modernizado e dispõe de equipamentos necessários à produção de programas para a televisão. A expectativa é de que haja um intercâmbio e a produção para a TV também sirva de laboratório para alunos do curso, que receberão uma bolsa de estudo. "Estamos conseguindo unir as relações entre o curso, a administração superior, a rádio... e, desta forma, pretendemos contribuir para qualificar a imprensa cearense, disponibilizando um jornalismo ético, de serviço, humanizador e comprometido com as causas populares. Essa é uma forma do povo cearense se ver e se afirmar", enfatiza Mamede. ☺



Vida embalada pela música: Nirez e seus 22 mil discos de cera, no bairro do Rodolfo Teófilo

Da cera ao mp3

O maior acervo privado de música popular brasileira em discos de 78 rpm é integralmente digitalizado. O próximo passo de seu proprietário, o jornalista e pesquisador cearense Nirez, é disponibilizar esse tesouro na Internet

Por Ana Rita Fonteles

Vai longe o ano de 1954. Os rádios e vitrolas do Brasil tocavam forte um ritmo que misturava o samba de raiz aos padrões urbanos de consumo, com uma nítida influência da música romântica norte-americana de base jazzística. O samba-canção, como ficou conhecido, tornou-se célebre nas vozes de intérpretes como Adeline Moreira, Jair Amorim, Evaldo Gouveia, Nelson Gonçalves, Jamelão, Cauby Peixoto e da musa Maysa. Mas estes nomes, cultuados no período, estavam longe de

interessar a um rapaz de 20 anos, que começava naquele momento, sem ter planejado, um dos maiores acervos privados de música popular brasileira em discos de 78 rotações por minuto (rpm).

“Depois da Guerra houve uma invasão de música estrangeira no País. O samba-canção nada mais era que bolero”, afirma, categórico, Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, dando pistas sobre o início do hobby que viraria pesquisa e atividade inspiradora de uma vida inteira. As primei-

ras aquisições dos discos, fabricados com massa de cera de carnaúba e baquelite (resina, que foi o primeiro produto plástico) frágeis e quebradiços, foram feitas em lojas de discos e depois através de um escambo muito particular. “Tive a sorte de, entre 1956 e 1958, adquirir LPs em vinil. Comecei a trocar pelos discos de 78 rpm em casas de família”.

A busca por outros discos não parou mais. O resultado revela-se num número surpreendente. Sua coleção conta com 22

mil discos de 78 rpm, todos de música popular brasileira, gravados entre os anos de 1902 e 1964. Nirez se nega a eleger pérolas ou preferidos na coleção. “Tive grande vantagem, como pesquisador, de me libertar disso. Não tenho preferência por cantor ou compositor”. Não é afeito a paixões, o que estende para outras áreas da vida. “Meu time de preferência é o Ferrim (Ferroviário), só porque não tem torcida organizada. Na hora que tiver...”. Prefere então fazer observações mais gerais sobre a importância do tesouro que ocupa bom

espaço de sua casa no bairro do Rodolfo Teófilo. “Uma discoteca assim é difícil de fazer se você está fora do Centro-Sul. Além disso, sempre temos exemplares que outros não têm”.

E essa coleção, ainda restrita a poucos pesquisadores, estará, em breve, à disposição do grande público. É que Nirez finalizou a digitalização completa de seu acervo musical. De 22 mil discos para 1.547 CDs. A proeza só foi possível graças à escolha do acervo pelo projeto Petrobras Música, em 2004. A ação consistiu, inicialmente, na

higienização e catalogação dos discos. Em seguida, a captura, em meio digital, dos fonogramas analógicos via computadores dotados de programas de áudio específicos. A última etapa foi a gravação definitiva dos arquivos musicais em padrões “wave” e “mp3”, cópia de segurança.

Para a realização do trabalho, foi contratada uma empresa paulista, Companhia de Áudio, especializada nesse tipo de atividade. Os técnicos montaram um estúdio na própria casa de Nirez, com equipamentos modernos que agora pertencem a ele. A equipe de técnicos passou quatro meses em Fortaleza ensinando o pessoal do pesquisador a realizar o trabalho. Por uma obrigação contratual, o acervo agora digitalizado deverá ser disponibilizado através de site na Internet.

Mas como será isso? Nirez, já familiarizado com as novas técnicas, explica: “Pretendemos disponibilizar as músicas parcialmente no site. A pessoa entra e vai encontrar as composições, com dados como gênero, título, autoria, intérprete, gravadora, número do disco, matriz, lançamentos e considerações minhas sobre as composições. A música em si só será disponibilizada parcialmente”. Os interessados em ter a composição na íntegra deverão comprá-la e recebê-la em CD ou de outra forma ainda a ser estudada. O dinheiro, adquirido com a venda, será revertido na manutenção e preservação de seu acervo, já que não recebe nenhuma espécie de financiamento, explica o pesquisador.

Enquanto o site é providenciado, os aficionados por música brasileira de tempos atrás podem ter um gostinho da coleção de Nirez, ouvindo o seu programa Arquivo de Cera, há 43 anos no ar. Desde 1991, ele o apresenta aos domingos na Rádio Universitária FM (107,9 Mhz). O programa, gravado em sua casa, segue uma fórmula simples: a partir de uma data como aniversário de instrumentista, ele intercala músicas e comentários sobre a vida e a obra do escolhido.

Mas essa experiência começou meio por acaso, quando ele compareceu, em 1963, a um programa de músicas antigas na Rádio Iracema, em Fortaleza. O disco

Do baú do Nirez

- No início, os discos de cera, que tinham 78 rotações por minuto, por tocarem muito rápido, possuíam apenas uma música em cada face. Nessa época, eles tinham 25 cm de diâmetro. A partir de 1925, passaram a existir discos de duas faces.

- O LP, de vinil, possuía rotação mais baixa, os mesmos 25 cm de diâmetro e quatro músicas de cada lado.

- A partir de 1958, o diâmetro dos discos passou para 30 cm.

- Entre 1902 e 1926, os discos eram mecânicos, gravados sem microfone. Os intérpretes cantavam numa boca de cone e na outra extremidade a agulha cortante sulcava um disco aquecido.

- Antigamente, as músicas de carnaval começavam a ser lançadas em setembro do ano anterior. Mas, às vezes, as de maior sucesso eram gravadas em pleno fevereiro.

- “Mãe, eu quero” foi a marcha carnavalesca de maior sucesso entre os anos de 1937 e 1968.



com a música característica do programa, a valsa de Antenógenes Silva, “Até o Mar Chorou”, havia quebrado e ele quis ajudar o apresentador Eduardo Fernando Bastos, levando uma cópia.

Praticamente empurrado para o estúdio, foi convidado a trazer alguns de seus discos de cera e a fazer comentários sobre as gravações. Assim o desenhista técnico do Dnocs tornou-se radialista. Nesse caminho já passou pelas rádios Uirapuru, Dragão do Mar e Cidade. A audiência representou um empurrão na composição do acervo. “Assim consegui muitos discos. As pessoas me escreviam e iam me arranjando”. E se engana quem pensa que só os mais velhos se interessam pelas “bolachas de cera”. “Tenho muitos ouvintes jovens que se interessam pela história do passado.

Tenho o tipo de ouvinte que desejo. Aliás, no Programa, não falo nome de ouvinte, só do compositor”, diz, taxativo.

O obstinado Nirez guarda todos os dados de seu acervo em computador e revela que ainda mantém o hábito de ler seus livros, fazendo fichamentos. “Para cada assunto, sei os livros e números das páginas”, gaba-se. Os dados computadorizados somam-se à sua importante biblioteca de MPB e aos livros sobre o assunto nos quais pesquisadores do Ceará e de outros Estados tiveram sua valiosa contribuição.

O acervo, ele não dá, não empresta e nem se interessa em cedê-lo ao poder público, cismado que é com a falta de cuidado e promessas que nunca se cumpriram. “Eu morrendo, fica com a minha família e eles fazem o que quiserem”, garante. Mas parar

está fora dos planos de Nirez. Depois dos discos de cera, ele pretende ainda digitalizar as gravações guardadas em fitas de rolo e de vídeo. Ele também está concorrendo a projetos que patrocinem a digitalização do acervo de 25 mil fotografias que têm, como figura central, a Fortaleza antiga. Coisas do passado. Jeito de Nirez. ☺

Serviço:

Programa Arquivo de Cera, com Nirez, aos domingos, na Rádio Universitária FM (107,9 MhZ), de 8:30 às 10 horas.

A esquerda, imagem da coleção de discos de cera. A direita, Nirez mostra os títulos já digitalizados, em CDs.



Elaborando perdas

*A morte não é nada.
Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.
(...)*

*Me dêem o nome
que vocês sempre me deram,
falem comigo
como vocês sempre fizeram.
(...)*

*Não utilizem um tom solene
ou triste, continuem a rir
daquilo que nos fazia rir juntos.
(...)*

*Que meu nome seja pronunciado
como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.*

*A vida significa tudo
o que ela sempre significou,
o fio não foi cortado.
Por que eu estaria fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?*

*Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...
Você que aí ficou, siga em frente,
a vida continua, linda e bela
como sempre foi.*

Santo Agostinho (354-430)



Os estudos sobre a morte e seus aspectos, conduzidos nos campos de concentração da Polônia, na Segunda Guerra Mundial, pela psiquiatra e pesquisadora suíça radicada nos Estados Unidos, Elizabeth Kübler-Ross, demarcam um novo tempo no tratamento e compreensão do tema. Desde então, o Ocidente avança, embora a passos lentos, em lidar com as perdas humanas.

A Tanatologia, termo criado por Kübler-Ross, ciência que estuda não apenas a morte física, mas as perdas simbólicas, imateriais, foi ingressando nas áreas afins com o assunto – de Enfermagem, Medicina, Psicologia e Serviço Social. No Brasil, começou a ser difundida em fins da década de 1970. No Ceará, a novidade chegou há apenas 15 anos, quando o psicólogo Aroldo Escudeiro começou a levantar a discussão sobre Tanatologia.

Hoje, é uma ciência que se estuda em encontros, seminários e congressos e se aplica em consultórios, clínicas, hospitais e até em domicílio. Há inclusive uma Rede Nacional de Tanatologia para a formação teórica dos profissionais que ela congrega. De pesquisas desenvolvidas solitariamente, o tema passou a ser incorporado pelas instituições de ensino.

A Universidade Estadual do Ceará (Uece) foi uma das primeiras no País a ter uma disciplina de Introdução à Tanatologia. Há seis anos, por iniciativa do psicólogo e professor Erasmo Miessa Ruiz, os estudantes de Enfermagem e Serviço Social começaram a ter a disciplina como optativa.

Na Universidade Federal do Ceará (UFC), o curso de Enfermagem é o único, embora 30 anos depois de criado, que oferece a disciplina Tanatologia, introduzida apenas a partir deste semestre. Os estudantes de Medicina e de Psicologia não contam com a disciplina no currículo.

Para os futuros médicos, a disciplina Medicina e Espiritualidade, oferecida há três

anos, e para os acadêmicos de Psicologia, a disciplina Psicologia e Espiritualidade, desde o semestre passado, são as únicas possibilidades de abordagem do assunto. Mesmo assim, nos três cursos, elas são opcionais.

Se o currículo falha, outras iniciativas são tomadas para amenizar a falta da discussão do tema. Já há seis anos, a UFC tem o Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão em Perda, Luto e Separação (Plus+), criado pelo psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina, Fábio Gomes.

O projeto é coordenado pelas professoras do Departamento de Enfermagem, Ângela Maria Alves e Souza e Maria Dalva Santos Alves, e reúne atualmente 19 alunos – seis de Enfermagem, seis de Medicina e sete de Psicologia. Para participar, os interessados podem pertencer a qualquer período de um dos três cursos e precisam receber uma capacitação de três dias em cinco temas – história da morte no Ocidente, psico-oncologia, luto, suicídio e paciente gravemente enfermo.

No terceiro dia, os participantes passam por uma avaliação, que consiste na primeira etapa do processo de seleção, e depois por uma entrevista, a segunda etapa. Depois, entram em subgrupos de estudo do luto, do suicídio ou da psico-oncologia. O caráter extensionista do projeto se concretiza nas práticas desenvolvidas em instituições de saúde em Fortaleza, como o Hospital do Câncer, a Casa Vida e o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) da Regional III. O trabalho envolve repasse de informações e apoio psicológico para a pessoa considerada já sem possibilidade terapêutica e para os familiares dela.

O Plus+ é uma possibilidade de crescimento pessoal – para a percepção da própria finitude – e preparação profissional – para a assistência da finitude do outro. “Os alunos estudam o enfrentamento das pessoas bem como a sua preparação

pessoal e profissional para estar diante do finito e da finitude”, reforça Ângela Souza, que faz parte do projeto desde 2003 como coordenadora. A experiência foi e tem sido importante para ela em ambos os aspectos.

A morte e o morrer sempre foram temas de interesse da enfermeira e professora, até mesmo pela recorrência de situações comuns ao ofício. O interesse se acentuou a partir da vivência da morte de um filho recém-nascido. “Então abracei o projeto até para que eu pudesse me aproximar do tema, reconhecer e elaborar o meu luto e trazer contribuições para o Departamento de Enfermagem, assim como para a sociedade cearense”, descreve.

Para os estudantes, é uma oportunidade de trabalhar conceitos de humanização e refletir sobre o próprio exercício da profissão que almejam. “Participar do Plus+ é uma oportunidade única, pois não encontramos na Universidade a disciplina Tanatologia, há uma falha do currículo. É importante para amadurecer minha visão e enriquecer minha vida profissional”, avalia Talita Maciel, estudante do segundo semestre de Medicina.

Para saber mais

O livro Estudos sobre Luto, Suicídio e Psico-oncologia é uma coletânea de capítulos feitos a partir dos subgrupos do Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão em Perda, Luto e Separação (Plus+). Cada parte foi elaborada pelos participantes do projeto. O livro teve um lançamento local, na Sala de Convivência da Reitoria, no dia 27 de julho, e outro nacional, no Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em Salvador (BA), no dia 8 de novembro. Informações sobre como adquirir a publicação podem ser obtidas com uma das coordenadoras do projeto, Ângela Maria Alves e Souza, pelo telefone (85)9984.6890.



Ronaldo Salgado revisita João do Rio: a busca do humanismo revelado em crônicas que marcaram a história do jornalismo brasileiro

A crônica de João da Rua

Mestre na formação de jornalistas cearenses, Ronaldo Salgado, publica livro em que resgata princípios da atividade jornalística, lançados no início do século XX pelo repórter das ruas, o carioca João do Rio

Por Ana Rita Fonteles

O cenário não poderia ser mais apropriado. Rio de Janeiro, início do século XX. A Belle Époque tropical transformava a cidade com pretensões a Paris. Novos personagens emergiam, valorizados pela estética eugênica e progressista. Tipos populares, não encaixados no novo jeito de ser, eram jogados ao limbo. Mas essas mudanças permeadas de resistências e conflitos não escapariam a um olhar atento e original do jornalista Paulo Barreto, popularizado como João do Rio, mas que bem poderia se chamar João da Rua.

O seu olhar flâneur, aquele observador que se dispõe a perambular com inteligência, percorreu ruas, praças, calçadas,

botequins, cortiços, inferninhos, o cais do porto, em busca do contato humano e da narrativa, já desprezada pelos jornais em processo de se tornarem empresas, tolhendo textos e a prática jornalística. Utilizando elementos fortemente literários fundou um novo tipo de crônica pautada pelo aprofundamento das informações, a humanização dos relatos, a contextualização histórica e a preocupação com o estilo do texto, presente na descrição dos ambientes, nos diálogos inseridos no texto, entre outros recursos.

Foi em busca dessa prática diferenciada de escrita jornalística e seus elementos constituintes que o jornalista e professor do

Departamento de Comunicação Social da UFC, Ronaldo Salgado, viajou no tempo e reencontrou-se com o João do Rio em sua mais profícua obra, *A Alma Encantadora das Ruas* (1908). O reencontro proporcionado pelo Mestrado em Literatura, da UFC, pode ser conferido no livro *A Crônica Reporteira de João do Rio*, produto de sua dissertação, recém-lançado pelo Laboratório de Estudos da Oralidade.

Crônica reporteira é o conceito elaborado por Salgado e sobre o qual se assenta toda a reflexão do livro, ajudando a ampliar a composição do perfil desse personagem de nosso jornalismo, já estudado por outros pesquisadores da Literatura, do

Jornalismo e da História, para os quais é referência por diferentes motivos. “A crônica reporteira define-se pela vinculação entre os dois gêneros: crônica e reportagem. É expressão seminal da reportagem, tem espírito de narrativa e está intrinsecamente ligada à rua, que é em um só tempo plural, múltipla e diversa, evidenciada a partir da modernidade”, explica Ronaldo na introdução de seu livro.

O mestre remete a João do Rio a paternidade do jornalismo de cidades no Brasil. “Ele sai do gabinete e vai à rua, inaugura a marca da inserção do repórter na rua. E a rua é vista na sua dimensão humana, cultural, antropológica, faz parte da cena da cidade. Raul Antero denominou essa crônica de janeleira, mas João do Rio não ficou só na janela. Ele as abriu e foi à rua”. Teria assim, João do Rio, lançado as sementes da reportagem como ela é praticada ainda hoje no Brasil.

Se bem que o abandono desses fundamentos, entre eles, o contato com os personagens “in loco”, assim como a valorização do texto, cada vez mais pasteurizado pelos manuais de redação, faz com que a dimensão humana do jornalismo esteja se perdendo.

A herança de João do Rio, nesse sentido, também foi um dos motivadores da pesquisa de Salgado que se agarra como um Quixote - diga-se de passagem, com cada vez mais adeptos – a questões como a valorização do texto jornalístico, à diversificação de fontes e ao contato dos jorna-

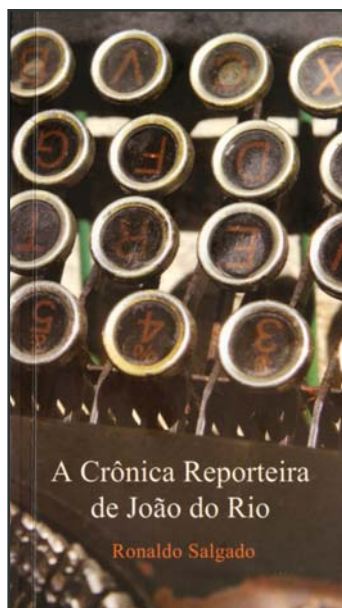
listas com a rua e seus habitantes.

A pesquisa virou instrumento de trabalho em sala de aula. Antes de concluir a dissertação, já estava às voltas com a formação de novos jornalistas, tentando despertar-lhes a sensibilidade de reporteiros, a vagar pela cidade, em busca de sua alma encantadora e da riqueza que o contato olho no olho proporciona para o ofício da narração do cotidiano. “A partir da pesquisa, propus disciplina de jornalismo de cidades, voltada para o trabalho de campo. Os alunos agem como flaneuries, observadores. Nos permitimos andar em praças, mercados, na periferia de Fortaleza”. Mas o trabalho diferenciado não se reserva à coleta de material. Estende-se para uma nova forma de escrita. “Falo sempre de fazer reportagem com ar de crônica e crônica com ar de reportagem”.

Na sala de aula, o livro *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio, dividido em seis partes, com cerca de 27 crônicas, virou texto de referência. “Eles lêem, se encantam com a subjetividade, como o texto permite dialogar. Eles gostam, se interessam, participam, fazem textos com essa abordagem mais aprofundada”, explica. Especialmente para jornalistas e professores de jornalismo, então, o livro do mestre Ronaldo Salgado deveria funcionar como ponto de partida e fonte de inspiração, na formação das próximas levas de reporteiros, e para o resgate de um texto mais humanizado.☺

Oh! Essas pequenas profissões ignoradas, que são partes integrantes do mecanismo das grandes cidades! O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta babel que se transforma. E entretanto (sic), meu caro, quanto solução, quanta ambição, quanto horror e também quanta compensação na vida humilde que estamos a ver”

(O que se vê nas ruas - pequenas profissões, em *A Alma Encantadora das Ruas*)



A Crônica Reporteira de João do Rio (Autor: Ronaldo Salgado, Edição: Laboratório de Estudos da Oralidade e Expressão Gráfica e Editora, 192 páginas, R\$ 10,00)

O debut de um robô

Universidade Pública acompanha a estréia, no mar, do ROV, novo equipamento do Labomar para pesquisas sobre a lagosta

Por Marco Antônio de Alencar



O pesquisador Miguel Sávio, do Labomar, lança o robô LBV-150

É lá no cais do porto de Fortaleza, de onde se avista a orla em todo seu esplendor especulativo/imobiliário, o ponto de encontro de um grupo de pesquisadores do Labomar, o Instituto de Ciências do Mar, da UFC. A missão deles: testar, pela primeira vez, na água do mar, o robô submarino recém-adquirido para as pesquisas do Instituto. Nossa equipe de reportagem, formada por repórter, fotógrafo e cinegrafista, esteve lá para acompanhar.

“Vocês chegaram quase antes da gente”, exclama Miguel Sávio, assistente técnico e pesquisador do Labomar, enquanto entramos no barco Prof. Martins Filho. Acompanha Eduardo Gentil, mestrando em Ciências Marinhas Tropicais pelo Labomar. Eles são os protagonistas desses primeiros testes com o Veículo de Operação Remota, modelo LBV-150. Uma semana atrás, eles testaram o robô numa piscina. Agora é a vez de testá-lo na água do mar.

Para quem esperava um robô submarino enorme, a surpresa foi grande. Afinal de contas, com menos de meio metro de comprimento e pesando menos de quinze quilos,

qualquer um pode confundir o ROV (sigla em inglês) com um brinquedo high-tech. Mais parece uma nave espacial futurista em miniatura, com uma carcaça laranja avermelhada, câmeras para captura de vídeo e propulsores para movimentação dentro d’água. Não esquecendo o braço mecânico.

O primeiro teste - A equipe desce a âncora num ponto distante do cais e abre a porta lateral do barco. “A operação tem que ser feita com calma”, justifica Miguel, carregando com zelo o robô. E então solta, gentilmente, o aparelho no mar, que começa a boiar. Logo passa a funcionar, ativando seus mecanismos de movimento. Propulsores nas partes laterais do robô, garantem a movimentação em qualquer direção dentro da água. Vai para o lado, pro outro, pra frente, pra trás, e desaparece ao submergir no verde do mar. Agora, para acompanhar o robô dentro d’água, somente pelo monitor, onde são exibidas as imagens feitas pelas câmeras da máquina.

Subindo à cabine, Eduardo controla o ROV com um joystick de muitos botões.

Deve ser como jogar videogame. “Mais ou menos”, responde Eduardo, aparentemente confuso com as imagens que aparecem no monitor. “É difícil enxergar na água turva”. Ele aperta alguns botões e gira a câmera num ângulo de 180° o para baixo e para cima. Ele procura uma pequena bóia de isopor lançada ao mar por Miguel, para testar a sua própria capacidade em controlar o ROV e levá-lo a um ponto específico.

Novas pesquisas - A aquisição do ROV pelo Labomar é fruto da auto-sustentabilidade que esse Instituto adquiriu nos últimos anos. Atividades executadas pelo Labomar para a Cagece e a Petrobras, juntamente com o trabalho de monitoramento da bacia do Espírito Santo, por exemplo, garantem, além de verba para pesquisas, a excelência dos trabalhos do Labomar. “Em função desses grandes projetos, a gente consegue, ao final, economizar um pouquinho de cada um e comprar um equipamento que viu que tem importância para a pesquisa”, explica Luiz Parente, diretor do Labomar, citando um exemplo da utilidade que o robô terá para novas pesquisas. “Até hoje não se sabe como a lagosta entra no manzuá. Com o ROV, haverá a compreensão do comportamento da lagosta dentro do seu ambiente, de forma natural, ajudando efetivamente na conservação de um recurso tão importante como a lagosta”.

Fim de viagem - Terminados os primeiros testes com o ROV no mar, é hora de voltar pra casa. Pelo menos a equipe de reportagem. Pois os pesquisadores do Labomar não se dão por contentes com as poucas horas que tiveram com o equipamento. Saltamos do barco e, mal passados dois minutos, já partem novamente, desta vez em direção ao alto-mar. Querem testar o ROV em águas mais profundas. Felizes como criança que ganhou um brinquedo novo... ☺



MUDANÇA COM COMPROMISSO E QUALIDADE.

O Centro de Treinamento e Desenvolvimento reformulou sua estrutura organizacional, adotou mudanças na dinâmica de funcionamento, aperfeiçoando serviços, e potencializou a capacidade de aportar soluções. Para isto, criou novas unidades operacionais: Célula de Educação Profissional, de Pós-Graduação lato sensu, de Extensão, de Estudos e Pesquisa e Célula de Serviços, Assessoria e Consultoria.

É a forma de o CETREDE reforçar seu apoio à Universidade Federal do Ceará e consolidar sua imagem como centro de excelência que, há 42 anos, qualifica, profissionaliza e especializa recursos humanos em todo o País.

www.cetrede.com.br



**APROVEITE QUE BAGAGEM
CULTURAL NÃO PAGA
EXCESSO E VISITE
O CENTRO CULTURAL
BANCO DO NORDESTE.**



CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE. NO CENTRO DE FORTALEZA, UMA VARIADA PROGRAMAÇÃO DIÁRIA E GRATUITA DE LAZER, CULTURA E ENTRETENIMENTO.

Você tem quatro andares de diversas manifestações culturais para ampliar seus horizontes. No Centro Cultural Banco do Nordeste, exposições de arte, espetáculos de dança e teatro, exibições de filme e música ao vivo estão em cartaz todos os dias. Além disso, o Centro Cultural ainda oferece auditório e biblioteca com acesso à internet para realização de eventos e pesquisas. E é sucesso de público. Só no ano passado, reuniu um público de cerca de 450 mil pessoas. Centro Cultural Banco do Nordeste. Um programa para enriquecer você.

***Banco do
Nordeste***

